



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

FRANCELINA BARRETO DE ABREU

**MEMÓRIA E HISTÓRIA EM *EL PAÍS DE LA CANELA* DE WILLIAM OSPINA.**

Belém  
2019

FRANCELINA BARRETO DE ABREU

**MEMÓRIA E HISTÓRIA EM *EL PAÍS DE LA CANELA* DE WILLIAM OSPINA**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do título de Mestre junto ao Programa de Pós-graduação em Letras, da Universidade Federal do Pará, na Área de concentração Estudos Literários, na Linha de Pesquisa Literatura: Memórias e Identidades.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Henrique Lopes de Almeida.

Belém  
2019

**Dados Internacionais de Catalogação – na – Publicação (CIP) –  
Biblioteca do ILC / UFPA – Belém – PA**

---

ABREU, Francelina Barreto de.

Memória e História em El país de la Canela de William Ospina / Francelina Barreto de Abreu;  
Orientador: Carlos Henrique Lopes de Almeida. 2018.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação,  
Programa de Pós-Graduação em Letras, Belém, 2018.

---

FRANCELINA BARRETO DE ABREU

**MEMÓRIA E HISTÓRIA EM EL PAÍS DE LA CANELA DE WILLIAM OSPINA.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras, da Universidade Federal do Pará, para obtenção do título de Mestre em Letras.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Orientador: Prof. Dr. Carlos Henrique Lopes de Almeida (Presidente)  
Universidade Federal do Pará – PPGL

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Tânia Maria Pereira Sarmiento-Pantoja (Examinadora)  
Universidade Federal do Pará – PPGL

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cássia Maria Bezerra do Nascimento (Examinadora)  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM

---

Prof. Dr. Carlos Augusto Nascimento Sarmiento-Pantoja (Examinador Externo)  
Universidade Federal do Pará – PPGL/PPGCITI

**DATA DA APROVAÇÃO: 08 / 11/ 2018**

**CONCEITO ATRIBUÍDO: APROVADO**

Belém  
2019

*A Deus,  
Aos meus pais,  
A Júlio Cesar Jesus de Abreu,  
Ao meu orientador, Carlos Henrique Lopes de Almeida.*

## AGRADECIMENTOS

A Deus, o qual permitiu que eu percorresse e concluísse esse longo caminho em rumo ao saber, dando-me força para eu enfrentar os obstáculos da vida e, sempre me ajudando a persistir na realização dos meus objetivos.

Ao meu orientador, o Professor Dr. Carlos Henrique Lopes de Almeida, o qual me repassou seu saber e contribuiu bastante para que eu desse mais um passo fundamental em minha vida acadêmica e, futuramente profissional, acreditando em meu trabalho.

Aos meus pais, Francisco Lima Barreto e Maria Celina Ribeiro Barreto, os quais sempre se preocuparam com minha educação, mostrando-me que esse é o único caminho para alcançar um futuro melhor.

Ao meu esposo, Júlio César Jesus de Abreu, pelo incentivo, paciência e compreensão...

A Cecília Barreto Cardoso, companheira de todas as horas, sempre carinhosa e incentivadora.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Pará (UFPA).

Ao meu amigo, Jairo da Silva e Silva, o qual sempre me mostrou a importância de se acreditar e lutar pelos nossos sonhos.

À minha tia Raimunda Ribeiro e seu esposo Manoel Rodrigues, os quais sempre me receberam de braços abertos em sua casa, tratando-me como uma filha. Nunca esquecerei, terão minha eterna gratidão.

Aos meus companheiros de mestrado e aos professores os quais me auxiliaram nessa jornada (seja de perto ou de longe) e, pelas boas lembranças que guardarei na memória e no coração.

E a todos, que de alguma maneira, fizeram parte desse sonho e me ajudaram a realizá-lo.

“Enquanto nos recusarmos a aceitar o nosso passado, em lugar nenhum, em nenhum continente, teremos um futuro diante de nós [...]. Tenha consciência de suas origens: se conhecer suas origens, aí não haverá limites que você possa superar.”

(BALDWIN, 1962, p. 112; 116-7).

## RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo analisar a representação do passado destacando como se constitui o elemento memória na matéria histórica aqui representada pelo romance *El país de la canela* (2008) do escritor colombiano William Ospina. A obra faz parte de uma trilogia que conta ainda com *Ursúa* (2005), o primeiro livro publicado, e *La serpiente sin ojos* (2012), o último. A partir da análise do referido romance, partimos do pressuposto de que a persistência das memórias de dominação, imposição de cultura e exercício do poder, estabelecido no contato entre colonizador e colonizado, possibilitam que aproximemos a narrativa do Novo Romance Histórico Latino-americano, gênero que se apropria da matéria histórica viabilizando sua representação. Nesse sentido, o empreendimento analítico perpassa pelos pressupostos teórico-metodológicos da Nova Narrativa Latino-americana (AÍNSA, 1991; FLECK, 2017; MENTON, 1993), da relação Memória/História (BENJAMIN, 1987; GAGNEBIN 2006; HALBWACHS, 2004; LE GOFF, 2011; ROSSI, 2010), e da Decolonialidade (QUIJANO, 2005; MALDONADO-TORRES, XXXX). Portanto, a análise realizada favorece a compreensão de como as memórias coletivas, individuais e históricas guardam os rastros dos grupos vencidos no período da colonização, que por meio da obra recebem sua representatividade diante de um narrador mestiço.

**Palavras-Chave:** Memória. História. Novo Romance Histórico Latino-americano. Representação.



## RESUMEN

Esta disertación tiene como objetivo analizar la representación del pasado destacando como se constituye el elemento memoria en la materia histórica aquí representada por la novela histórica *El país de la canela* (2008) del escritor colombiano William Ospina. La obra hace parte de una trilogía que cuenta aún con *Ursúa* (2005), primer libro publicado, y la *La serpiente sin ojos* (2012), el último. A partir del análisis de la referida novela, partimos del presupuesto de que la persistencia de las memorias de dominación, imposición de la cultura y ejercicio del poder establecido en el contacto entre colonizador y colonizado posibilitan que acerquemos la narrativa del Nueva Novela Histórica de la América Latina, género que se apropia de la materia histórica permitiendo su representación. En este sentido, el emprendimiento analítico se valdrá de los aportes teórico metodológicos de la Nueva Novela de la América Latina (AÍNSA, 1991; FLECK, 2017; MENTON, 1993), de la relación Memoria/Historia (BENJAMIN, 1987; GAGNEBIN, 2006; HALBWACHS, 2004; LE GOFF, 2011; ROSSI, 2010), e de la Decolonialidad (QUIJANO, 2005; MALDONADO-TORRES, 2007). Por lo tanto, el análisis realizado favorece la comprensión de como las memorias colectivas, individuales e históricas favorecen los rastros de los grupos vencidos en el periodo de la colonización, que por medio de la obra reciben su representación delante de un narrador mestizo.

**Palabras-Clave:** Memoria. Historia. Nueva Novela Histórica de la América Latina. Representación.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>CAPÍTULO I. UM CAMINHAR ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA</b> .....	15
1.1 Um olhar sobre a Memória na Literatura.....	16
1.2 Um olhar sobre a História na Literatura.....	20
1.3 Um olhar sobre a relação Literatura, Memória e História.....	27
1.4 Um trânsito por <i>El país de la Canela</i> : conhecendo autor e obra.....	29
<b>CAPÍTULO II. A REPRESENTAÇÃO DA HISTÓRIA NA LITERATURA: o Novo Romance Histórico Latino-americano (NRH)</b> .....	35
2.1 Aínsa e a releitura do discurso historiográfico.....	44
2.3 Menton e a desconstrução da história.....	46
<b>CAPÍTULO III. ANÁLISE DE <i>EL PAÍS DE LA CANELA</i> E SUA RELAÇÃO COM AS MEMÓRIAS DE UM PASSADO PRESENTE</b> .....	53
3.1 A Memória, uma marca do passado utópico.....	54
3.2 Os dilemas de um narrador mestiço .....	62
3.3 A derrota: uma representação dos esquecidos.....	71
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	85
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	87

## INTRODUÇÃO

*No cabe duda que la historia de América Latina todavía tiene muchos puntos por aclarar. Estos espacios vacíos intentan rellenarlos los escritores, a los cuales no se les puede negar el derecho de acudir a la imaginación, que es la esencia de su arte. Mientras la historia está escrita por las clases dominantes y por los vencedores, la única manera para expresar unos puntos de vista distintos y unas opiniones diferentes a fin de dismantelar el discurso oficial es la de escribir novelas (SOLDATIC, 2012, p.117).*

O caminho que nos levou ao encontro de *El país de la Canela* (2012) iniciou em 2013 no projeto de pesquisa intitulado *Marcas Medievais na Cronística de Gonzalo Fernández de Oviedo e Cristóbal Colón* no qual investigamos as relações cronísticas pelo foco literário. As obras estudadas, dentre as quais destacamos *Historia General y natural de las Indias* (1851) de Oviedo, usada como *corpus* do trabalho de conclusão de curso, nos abriram os olhos para a forma como a literatura pode se apropriar de documentos históricos que constituem as memórias do passado de um dado grupo social, para representá-lo de uma forma completamente distinta, ou ainda, como por meio da ficção a literatura pode representar qualquer período histórico de forma a manuseá-lo com total liberdade de criação.

Posteriormente, em 2015, ainda na perspectiva de observar a literatura em sua relação com as memórias históricas, o encontro com a obra do escritor colombiano William Ospina nos inquietou; o contato com um romance produzido atualmente e, o qual tem como cenário o período de conquista e usurpação da América, nos propiciou a possibilidade de realizar este estudo visando demonstrar como a importância da relação entre os aspectos memorialísticos e históricos contribuem para a representação do passado pela literatura e, desta forma, como esta última se apropria desses elementos como ferramentas de representação da inquietação e da recriação de histórias “conhecidas”.

Assim, *El país de la Canela* tem como contexto para o desenrolar da trama, o período de colonização do continente americano, melhor dito, a busca pelos recursos naturais que as novas terras poderiam possibilitar à coroa espanhola; o romance apresenta as narrativas de viagens (expedições) sobre a busca por *El dorado*, *El país de la Canela* e o encontro com as *Amazonas*, as lendárias mulheres guerreiras e, ao mesmo tempo, nos permite observar analiticamente a escolha do narrador mestiço para dar representatividade aos derrotados.

Neste sentido, esta dissertação tem como objetivo analisar a representação do passado histórico no romance publicado em 2008, pelo escritor colombiano Willian Ospina. A obra contemporânea foi vencedora em 2009 do prêmio Rômulo Galegos, destinado a valorizar as melhores produções do mundo hispanofalante, premiando escritores como Mario Vargas Llosa, Gabriel García Márquez, Carlos Fuentes e Willian Ospina, com *El país de la Canela* (2008).

O passado histórico é representado por meio das memórias das conquistas, processo que envolveu muita violência com o povo indígena, com descrição de torturas, mortes e massacres; fatos que provocam uma reflexão sobre o que se conhece como verdade histórica por refletirem a história real do período da colonização espanhola sobre as terras americanas. Por isso, realizar esse estudo sobre a representação das memórias históricas no romance se torna fundamental para compreendermos como a obra possibilita uma nova observação sobre a história, representa as memórias de outros grupos envolvidos no processo, aqueles que não foram os vencedores e, por essa razão, por muito tempo deixaram de ser ouvidos e suas histórias permaneceram no esquecimento.

É imprescindível destacar que, neste estudo, o foco está direcionado a apresentar a representação da memória histórica da violência (tortura e massacre por índios e por Ursúa) e do sofrimento (do narrador, dos índios, das mulheres), perpassando pela reflexão da divisão dos indivíduos em raças. Com base nestas observações, as memórias apresentadas pelo narrador demonstram outra perspectiva do passado histórico com características que nos levam a aproximar o romance de uma vertente literária advinda do Romance Histórico: o Novo Romance Histórico Latino-americano, doravante (NRH), gênero que possibilita uma nova representação do passado, com a escolha de personagens derrotados/vencidos na história do continente para serem os novos protagonistas, enfatizando perspectivas que contrapõem a história oficial.

Para compreendermos essa representação do passado, foram necessários: primeiro uma leitura detalhada do romance do escritor Willian Ospina, para contextualizarmos a narrativa e sua ligação com a História, um estudo sobre a forma como esta última trata/ aborda o acontecimento histórico, e por conseguinte, as múltiplas histórias presentes nos documentos que serviram de suporte para a produção das narrativas (como a crônica de Frei Gaspar de Carvajal); segundo aprofundarmos na forma como a Memória trabalha a matéria histórica, o passado, e ao mesmo tempo, como se constitui a relação dada entre Memória e História na construção literária. O que nos conduz para um breve olhar sobre a constituição da identidade dos povos os quais até os dias atuais, buscam neste passado se reconhecer e valorizar as particularidades de cada grupo que se constituiu pelo contato marcado pelo atrito entre os diferentes. Vale destacar que este trabalho não tem como foco discutir a constituição da identidade latino-americana, no entanto, é necessário mencioná-la algumas vezes para explicar o estabelecimento do elemento raça que se manifesta na escolha do narrador mestiço.

Desta forma, buscamos no primeiro capítulo, **Um caminhar entre memória e história**, compreender os conceitos de memória e história e sua aplicação pela literatura para, em seguida,

apresentarmos a sua relação com a obra e o autor. Como suporte teórico das discussões desse capítulo, temos as interpretações de Halbwachs (2004), Pierre Nora (1993) e Le Goff (2013) Gonzáles Callejas (2013), Benjamin (1987), Gagnebin (2006), entre outros estudiosos.

A discussão fora conduzida em direção a duas perspectivas distintas que são observadas no romance. A primeira parte das memórias do autor e sua inquietação em, nos dias atuais, escolher como cenário de seus romances, o período da conquista. A segunda, por meio do personagem narrador: suas inquietações com fragmentos do passado que o perturbam até o presente da narrativa. Um trânsito pelo conceito de mestiço fez-se necessário neste momento.

No segundo capítulo, denominado **A representação da história na literatura: o Novo Romance Histórico Latino-americano (NRH)**, apontamos as definições do NRH, gênero que está direcionado para a reescrita da história visando contrapor as narrativas históricas clássicas ao apresentar novos protagonistas e, ao mesmo tempo, desconstruir figuras históricas imortalizadas por romances anteriores e pela história oficial; assim como nos detemos na análise das características da vertente que se faz presente na obra, o que demonstrou como acontece o processo de representação do passado pela literatura, o NRH. Fundamentamos nossas considerações com estudiosos como Fleck (2017) Aínsa (1991), Menton (1993), Milton (2005), entre outros.

No terceiro capítulo, **Análise de *El país de la canela* e sua relação com as memórias de um passado presente**, refletimos sobre as memórias do imaginário aplicado e, em parte, criado e alimentado na região. Parte destas memórias foram inspiradas nos mitos clássicos gregos, como o reino das amazonas e o surgimento de novos mitos como o *El dorado* e *El país de la Canela*, perpassando pela relação memória e história na construção do personagem narrador mestiço em seu dilema de ocultar a raça, dando ênfase ao fato de sua não revelação a sociedade como tal e os resultados de tal escolha na vida do personagem. E finalizamos o capítulo com um olhar sobre os múltiplos derrotados revelados pelo romance, além de apresentar a grande crítica da obra: a evidencia de ausência de vencedores no processo de colonização que terminou por afetar a todos provocando o fracasso coletivo. Para tal análise, buscamos autores como: Quijano (2017), Maldonado-Torres (2007), Babha (2001), Huefemann-Barría (2015), Sánchez (2014) e outros.

Desta forma, a narrativa utiliza as memórias históricas como meio para representar o passando demonstrando uma nova perspectiva e revela um narrador que se descobre mestiço, mas em contrapartida, não se assume como tal e por meio de suas experiências de viagem consegue deixar evidente uma crítica quanto ao processo de usurpação da América que demonstra a derrota coletiva.

## CAPÍTULO I - UM CAMINHAR ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA

*A palavra 'história' (em todas as línguas românicas e em inglês) vem do grego antigo historie, em dialeto jônico [Keuck, 1934]. Esta forma deriva da raiz indoeuropéia wid-, weid 'ver'. Daí o sânscrito vettas 'testemunha' e o grego histor 'testemunha' no sentido de 'aquele que vê'. Esta concepção da visão como fonte essencial de conhecimento leva-nos à idéia que histor 'aquele que vê' é também aquele que sabe; historein em grego antigo é 'procurar saber', 'informar-se'. Historie significa pois "procurar". (LE GOFF, 2013, p.22)*

Neste capítulo inicial, acreditamos ser pertinente realizar uma breve contextualização dos elementos que tornaram possível a realização da análise crítica da obra aqui estudada. Desta forma, faremos um breve trânsito pelas definições de memória e história, perpassando a definição e conceptualização dada a cada uma das áreas para, em seguida, demonstrarmos como estas temáticas são manuseadas pela literatura no intuito de questionar o discurso histórico e de reescrever as memórias do passado; desta vez pelas marcas do rastro deixado, das evidências e dos resquícios que brotam das frestas da história.

E, nessa perspectiva, conduzimos as discussões sobre a relevância do material histórico ao qual o literato se apropria: cartas oficiais, documentos históricos, crônicas de viagem, para tecer a representação de uma perspectiva da história nova que expressa, acima de tudo, uma crítica ao modelo de escritura histórica canonizada.

Ao realizarmos a aproximação com a memória, observamos que a perspectiva literária se vale das lembranças dos excluídos, dos vestígios de grupos e de culturas, que foram observados ao longo dos séculos como derrotados em dado acontecimento histórico, neste caso, a usurpação da América; e que tiveram seus nomes apagados, sua voz silenciada e sua história esquecida.

É, com esse propósito, que estudarmos em *El país de la Canela* (2008) as exceções da história que partimos da busca por compreender as concepções de distintos teóricos sobre a conceitualização dos elementos memória e história de forma sucinta, uma vez que este trabalho não tem por foco discorrer detalhadamente sobre a cronologia de evolução dos temas, mas sim, nos valermos de suas materialidades para, em seguida, as aplicarmos na análise do romance do escritor colombiano William Ospina.

### 1.1 Um olhar sobre memória na Literatura

Na contemporaneidade, as reflexões sobre Memória inquietam diversos estudiosos que se propõem a discutir as relações entre Memória e Literatura, ou ainda sobre Memória e História. Cada estudioso escolheu um caminho diferente: Maurice Halbwachs (2006) teceu sobre Memória individual e coletiva; Pierre Nora (1993), sobre Memória e Identidade, e Le Goff (2013), sobre as relações entre História e Memória. Cada um, à sua maneira, contribuiu com os dados que nos permitem aproximar as ciências citadas sobre a ótica da Literatura para realizarmos as análises da obra, assim como outros teóricos, os quais mencionaremos adiante.

Paul Ricoeur, filósofo e pensador crítico do período pós-segunda guerra mundial, é outro estudioso de destaque no estudo da memória e este afirma que “a memoria sigue siendo la capacidad de recorrer y remontar el tiempo, sin que nada en principio pueda impedir que continúe, sin solución de continuidad ese movimiento” (RICOEUR, 1999, p. 16). Compreendemos da citação que o processo memorialístico não está estagnado, ao contrário, segue em constante movimento e transformação, observamos que a Memória é um processo frequente de reelaboração e de permanente atualização, mesmo em se tratando de um período histórico distante, haverá sempre algo novo a se revelar em meio ao fato estudado.

Não há como impedir o movimento de continuidade; a memória está a todo o momento se reinventando, se disseminando na coletividade e cada indivíduo é livre para apresentar aquilo que acredita de fato ter acontecido, tanto por suas recordações quanto pelas da coletividade onde está inserido. Assim, o que se destaca nesta análise é a possibilidade de por meio das lembranças do grupo se reescrever a história geral materializada na ficção, direcionando a narrativa para as recordações dos esquecidos historicamente.

De acordo com Vargas Llosa, escritor peruano que se dedicou a produzir sobre o papel que a literatura pode desempenhar na formação dos cidadãos nas sociedades contemporâneas, em *La verdad de las mentiras* (2002), propõe que a memória tem um papel central para a criação e a ficção. Assim, “Para casi todos los escritores, la memoria es el punto de partida de la fantasía, el trampolín que dispara la imaginación en su vuelo impredecible hacia la ficción” (LLOSA, 2002, p. 24). Compreendemos que, além de preservar as marcas do passado no presente, a memória transforma-se no meio para materializar a imaginação. Assim, no ato criador além de ter como ponto de partida dado acontecimento, possibilita que o escritor liberte sua criatividade e trilhe o caminho da verossimilhança.

No sentido de ampliar o olhar sobre o conceito de memória e sua relação com a história aplicada pela ótica da literatura por meio da ficção, nesta investigação buscamos também os estudos do crítico literário, historiador da literatura e linguista suíço, Paul Zumthor. Segundo

tal estudioso, “a memória, por sua vez, é dupla: coletivamente, fonte de saber, para o indivíduo, aptidão de esgotá-la, e enriquecê-la.” (ZUMTHOR, 1993, p 139). De tal afirmação é possível entender que a memória é o elemento que transmite as informações relevantes acerca do acontecimento histórico e, ao ser transmitida ao grupo social, permite que cada ser integrante deste grupo também se aproprie do conhecimento e, desta forma, o enriqueça. Assim, ela assume o papel de repassar todo o conhecimento adquirido de gerações anteriores e, aqui, tratamos de culturas, de histórias, de religiões e, segue como instrumento para que cada autor apresente seu olhar sobre os fatos que marcaram a história do contexto ao qual está inserido.

Outra perspectiva crítico-analítica é a apresentada por Michael Pollak (1992), em seus estudos aborda o tema da memória em sua relação com a constituição da identidade do indivíduo em dado contexto social. O seguinte fragmento torna clara a concepção memorialística adotada pelo investigador.

A memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória. Isso é verdade também em relação à memória coletiva, ainda que esta seja bem mais organizada. (POLLAK, 1992, p.204)

De acordo com Pollak (1992), a memória permite reestruturação e é transmitida a partir de novas perspectivas; cada momento vivido permite que as experiências do passado sejam incorporadas no presente, possibilitando que a realidade seja apresentada por múltiplos olhares. E está é uma das estratégias utilizadas pelos romancistas para, de certa maneira, completar os espaços deixados pelos relatos oficiais que nos propomos a analisar na obra de Ospina.

Os estudos de Maurice Halbwachs (2004) foram de fundamental importância para esta investigação, uma vez que o pesquisador nos apresenta as concepções de memória individual e coletiva, as quais associadas à memória histórica, se tornarão elementos que suportam as relações de memória e histórias abordadas em *El país de la Canela* (2008). Dada as devidas esclarecimentos, o pesquisador define memória coletiva como um processo social de reconstrução do passado vivido, passado experimentado por um determinado grupo, comunidade ou sociedade. Deste modo, a memória mantém um fundo social onde todos estão sujeitos às memórias da sociedade ou do grupo social ao qual esteja inserido. O mesmo ocorre com o Novo Romance Histórico, tema que será explicado no segundo capítulo, pois utiliza a memória coletiva retratada nos fatos históricos como meio para recriar tais acontecimentos.

Neste sentido, Halbwachs (2004, p. 26) postula ainda que:



[...] nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem.

Ao discorrer sobre memória coletiva, Halbwachs (2004) esclarece que ela perpassa cada indivíduo e a presença ou não de outras pessoas não causa nenhum tipo de perda, ao contrário, subentendemos que ela mantém uma linearidade constante.

Michael Pollak (1992), em sua obra *Memória e identidade social*, realiza uma análise sobre a memória pela ótica da aproximação para com as relações de identidade. Ainda que não seja um dos temas de análise desta dissertação, ao discutirmos a figura do mestiço se fez necessário termos algumas concepções em mente sobre a temática, por isso, recortamos o fragmento do pesquisador, pois ele demonstra como as duas temáticas se entrelaçam, nos permitindo ampliar este olhar sobre o narrador mestiço.

A memória é um elemento do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentido de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLAK, 1992, p. 204)

As proposições de Pollak (1992) teorizam sobre a importância da memória na constituição da identidade. As informações, supracitadas na citação acima, são relevantes para compreendermos como vem se desenvolvendo os estudos da memória ao longo do tempo. Nesta pesquisa, devido à natureza do objeto a ser estudado, priorizamos os conceitos de memória histórica, individual e coletiva.

Em sua relação com o objeto de pesquisa, buscamos relacionar como essas marcas do passado são apresentadas, em outras palavras, demonstrar como a memória, como ferramenta da materialidade do passado, se transforma no elemento central para o desenvolvimento do enredo e o desfecho da narrativa possibilitando que o narrador represente, não propriamente o discurso histórico já conhecido, mas que o recrie por meio de suas memórias, evidenciando a crítica quanto a todos os envolvidos no processo de usurpação, o qual não teve de fato vencedores, como comprovaremos nas análises.

Retomando o percurso pelos campos teóricos da memória, seguiremos com a apresentação da memória histórica que se transforma no eixo central para a construção do romance de Ospina aqui analisado.

Segundo Aguilar (2008, p. 59), a memória histórica é compreendida como aquela aceita pelos “sujetos que no la experimentaron, pero que comparten lazos de identidad con los testigos presenciales que, a partir de sus experiencias personales, contribuyeron a la homogeneización de los recuerdos”. Neste sentido, compreendemos que a memória histórica nada mais é do que a manutenção e/ou permanência destas redes de memórias pelos indivíduos que se identificam com dado acontecimento e se sentem parte integrante deles, ou ainda, representados por eles. São, portanto, as marcas deixadas e vividas por outrem que são lembradas por identificarem determinado grupo social e não outro ao longo do tempo.

La memoria histórica es aprendida en un proceso de aculturación desde el exterior del individuo, y se tiende a identificar con la memoria nacional, formada a partir de un conjunto de acontecimientos que se recuerdan, pero que no se han vivido, de suerte que los individuos acarrean un bagaje de recuerdos históricos que puede aumentar con la conversación, la lectura u otros medios de comunicación. (GONZÁLEZ CALLEJA, 2013, p. 87)

A memória histórica é aquela assumida pelo coletivo por compartilharem características comuns passando a ser disseminada ao longo do tempo como a memória que perdurou do passado sem se dissipar, assumindo uma espécie de identidade cultural ou o caminho que conduz ao entendimento das características particulares de um povo, não foi vivida por todos, em contrapartida, foi reconhecida como parte verídica da sua história.

O que se observa sobre a memória histórica é que os pesquisadores divergem quanto a sua observação. Há pesquisadores que criticam afirmando que ela é “procedente de um conhecimento histórico manipulado y tergiversado por motivos políticos” (GONZÁLEZ CALLEJA, 2013, p 87). Desta forma o autor evidencia que o conhecimento histórico passa por um processo de manipulação, ou seja, sofre modificações que o aproximem dos interesses políticos em vigor. Assim, a memória histórica está direcionada a esconder traços e marcas de um passado que, de alguma forma, afete a imagem do poder político vigente.

Já segundo Sáez Mateu (2008, p. 36), “la memoria histórica es la construcción de un relato con fuertes componentes emocionales, una dimensión grupal que a menudo no coincide con la de las colectividades convencionales, y la finalidad reivindicativa que la aleja inevitablemente de la naturaleza de la historia académica”. A memória histórica também está relacionada a forma como afeta aos indivíduos, o que nos conduz ao entendimento de que a memória histórica está também interligada aos laços que o indivíduo mantém com os fatos rememorados. Desta forma, as memórias que são consideradas importantes para determinada esfera grupal diferem das que são relevantes para outros grupos sociais dada a

representatividade que assumem. A seleção de fragmentos da história escolhidos para serem transmitidos estão atados aqueles, que de alguma forma, assumem um significado ao contexto do grupo.

Considerando a perspectiva dos pesquisadores mencionados acima, ao longo do romance, sucintamente, os personagens foram recebendo características que não condizem com o relato histórico; a inquietação do narrador conduz à construção de uma narrativa ficcional descrita pela ótica dos vencidos e, mesmo ancorada nos discursos históricos oficiais, transita para a construção da versão dos silenciados.

Deste modo, observamos que a narrativa questiona a matéria histórica uma vez que “la memoria histórica tiende a ocultar o tergiversar aspectos del pasado prejudiciales a su propia finalidad o intereses: legitimidad, polemica, conmemoración, identidad, etc.” (SÁEZ MATEU, 2008, p.37), deixando evidente que se perpetuou, nesta perspectiva, o discurso do grupo social dominante em detrimento do silenciamento dos derrotados os quais na Literatura passam a receber uma representação que condiz com o que deveria constar nos relatos oficiais; no entanto, em uma forma de minimizar os apagamentos históricos, o romance propicia esse ecoar de vozes.

## **1.2 Um olhar sobre a história na literatura**

Da mesma forma que os estudos sobre a memória na contemporaneidade inquietam muitos pesquisadores, a história vem ao longo do tempo inquietando diversos estudiosos: Jacques Le Goff (2013), Paul Ricoeur (1955), Walter Benjamin (1985) são alguns destes pesquisadores que discorrem sobre a história e sua relação com a memória e também com a literatura. Estes pesquisadores apresentam múltiplas perspectivas sobre o tema.

Para entendermos melhor sobre as teorias da história, observamos a pesquisa de Jaques Le Goff (2013) em seu livro *História e memória*, o que nos ajuda a compreender os vários caminhos que a história nos permite trilhar. Neste sentido, “A história seria não só a projeção que o homem faz do presente no passado, mas a projeção da parte mais imaginária do seu presente, a projeção no passado do futuro que ele escolheu, uma história ficção, uma história desejo às avessas.” (LE GOFF, 2013, p. 32). A princípio, a proposição de Le Goff parece um tanto quanto confusa e ao mesmo tempo bastante pertinente, pois temos o hábito de procurar nas memórias do passado as semelhanças com o cotidiano, algo que os aproxime e, ao mesmo tempo, permita que acontecimentos passados, de alguma forma, influenciem em algo vivido ou até mesmo lembrado tanto pelo indivíduo quanto pelo grupo social ao qual estamos inseridos. Ou ainda, certas semelhanças do momento presente que reportem a acontecimentos antigos. Já

De acordo com Le Goff (2013, p. 24), “A história quer ser objetiva e não pode sê-lo. Quer fazer reviver e só pode reconstruir. Ela quer tornar as coisas contemporâneas, mas ao mesmo tempo tem de reconstituir a distância e a profundidade da lonjura histórica”. Estes pesquisadores contribuíram por meio de suas análises, com os estudiosos da literatura no embasamento teórico-analítico necessário.

Para Marc Bloch (1941), a história não só deve permitir compreender o “presente pelo passado” – atitude tradicional – mas, também compreender o “passado pelo presente”. Bloch deixa evidente a possibilidade de se trabalhar a história por duas perspectivas distintas que podem favorecer tanto o entendimento do presente, por meio de fatos passados, como também o passado, a partir da ótica do tempo presente; sendo duas funções distintas e ao mesmo tempo bastante pertinentes.

Segundo Paul Ricoeur (1955), “Esperamos da história uma certa objetividade, a objetividade que lhe compete; a maneira como a história nasce e renasce, no-lo demonstra; ela procede sempre pela retificação das sistematizações oficiais e pragmáticas do seu passado, operadas pelas sociedades tradicionais” (RICOEUR, 1955, p. 24-25). A conduta adotada pelo cientista foi a de manter em seu relato, sobre determinado acontecimento, a maior proximidade com a realidade, no entanto, esta postura não o isenta de expor em seus escritos, as concepções pré-estabelecidas que seu grupo social compartilhe, já que o relato apresenta uma dada subjetividade. O papel da história e do historiador, segundo o estudioso, está na busca pela objetividade sem margem para interpretações subjetivas e essa é, justamente, uma das maiores críticas de Walter Benjamin (1985) contra os historicistas tradicionais, uma vez que estes terminam por representar não a totalidade dos fatos, mas a visão que interessa ao grupo dominante, o qual, por sua vez, não permite que se disseminem fatos que, de alguma forma, afetem a sua estabilidade.

Walter Benjamin (1985), filósofo, sociólogo e crítico literário alemão conduziu seus estudos sobre os fatos históricos partindo dos rastros do passado que seguem presentes e inquietam os historiadores a buscarem novas informações sobre um período que já se acreditava bem estudado e reconhecido. O que queremos com isso é demonstrar, segundo os estudos de Benjamin, que a tarefa do investigador da história chamado por ele de materialista histórico, deve ultrapassar a explanação de um passado que se prende no discurso dos vencedores, como encontramos frequentemente na história geral. É nesta linha de raciocínio, que observamos os fatos históricos do período da conquista da América os quais serviram como ponto de partida para a representação do passado pelo romancista e, conseqüentemente, pelo narrador do romance estudado.

Partimos do pressuposto de que a História como ciência sempre representou este período da Conquista/Usurpação da América pela perspectiva do grupo dominante (como será comprovado adiante!). Desta forma, é indispensável que a discursão seja conduzida em direção à apresentação dos propósitos da História para contrapormos com as definições de Memórias e, por conseguinte, realizarmos a aproximação entre as duas, tais quais foram adotadas no romance, para essa nova roupagem do passado histórico.

Segundo Jeanne Marie Gagnebin (2006, p.54),

[...] o narrador e o historiador deveriam transmitir o que a tradição, oficial ou dominante, justamente não recorda. Essa tarefa paradoxal consiste, então, na transmissão do inenarrável, numa fidelidade ao passado e aos mortos, mesmo - principalmente - quando não conhecemos nem seu nome nem seu sentido.

Tal concepção abre margem para um olhar distinto sobre os envolvidos no passado histórico, trazendo à tona a memória daqueles que não foram ouvidos, inovando ao apresentar informações que a tradição ou história oficial não retrataram.

De acordo com Benjamin (1985), “Em cada época, é preciso arrancar a tradição ao conformismo, que quer apoderar-se dela.” (BENJAMIN, 1985, p. 224) para produzir uma história nova e não cair no conformismo, livre dos laços da narrativa do vencedor. Deste modo, “O historicista apresenta a imagem ‘eterna’ do passado, o materialista histórico faz desse passado uma experiência única” (BENJAMIN, 1985, p. 230-231). O mesmo filósofo alemão, em suas *Teses sobre o conceito da história* (1985), ao criticar a forma como vem se construindo o discurso histórico, faz a distinção entre o historicista como sendo aquele que apenas repete as mesmas técnicas de demonstração do discurso dominante, e o materialista histórico, aquele que liberto das amarras da tradição, consegue inovar a história.

[...] se nos perguntarmos com *quem* o investigador historicista estabelece uma relação de empatia. A resposta é inequívoca: com o vencedor. Ora, os que num momento dado dominam são os herdeiros de todos os que venceram antes. A empatia com o vencedor beneficia sempre, portanto, esses dominadores. Isso diz tudo para o materialista histórico. (BENJAMIN, 1985, 225)

A concepção crítica adotada por Benjamin, para a tarefa do escritor da história neste trabalho, se observa na tarefa do romancista histórico, cuja a investigação e representação do passado de Conquista/Usurpação da América, cenário da narrativa que nos oferecera as informações para que novos personagens fossem construídos pelo discurso narrativo. A obra se afasta dos romances históricos clássicos e se aproxima da tarefa do materialista histórico, recuperando a história dos vencidos.

Para Benjamin (1985), “o sujeito do conhecimento histórico é a própria classe combatente e oprimida. Em Marx, ela aparece como a última classe escravizada, como a classe vingadora que consome a tarefa de libertação em nome das gerações de derrotados.” (BENJAMIN, 1987, p.228). Na narrativa da obra analisada, são essas classes derrotadas pelo processo de invasão que serão as vozes que emanam do romance. As teorias de Benjamin (1985) sobre a história nos fazem refletir também sobre os períodos cíclicos de barbárie que terminam por ocorrer ao longo do tempo e que estão representados desde a origem da história da humanidade. Segundo o autor não existe um documento que não seja reflexo ou comprovação da barbárie em diferentes momentos históricos.

Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie. E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura. Por isso, na medida do possível, o materialista histórico se desvia dela. Considera sua tarefa escovar a história a contrapelo. (BENJAMIN, 1985, p. 225)

À luz dos estudos do grande filósofo, o materialista não segue o padrão vigente, ao contrário, o que o diferencia do historicista está justamente nesse caminho reverso que traça. Deste modo, o materialismo histórico “aproveita essa oportunidade para extrair uma época determinada do curso homogêneo da história; do mesmo modo, ele extrai da época uma vida determinada e, da obra composta durante essa vida, uma obra determinada.” (BENJAMIN, 1985, p. 231).

Assis & Cordeiro (2013) discorrem sobre a abordagem do historiador apontando a possibilidade que este estudioso tem em dar novas significações ao passado:

[...] o historiador deve proceder com os documentos, com os fragmentos da história. O historiador passa a ser o único que é capaz de interpretar novos sentidos do passado. E isso não quer dizer que o historiador seja arbitrário ao propor esses sentidos, pois essas proposições devem seguir um critério que se coloca como necessário: o historiador deve buscar resgatar as perspectivas daqueles que “fracassaram” ao longo da história, os vencidos. (ASSIS & CORDEIRO, 2013, p.196)

Grosso modo, ao historiador, dada a sua tarefa de investigador do passado, deve se libertar da construção de um discurso que se atem ao que já se conhece sobre dado momento histórico, assim, para exercer sua tarefa com êxito, ele deve dar um novo sentido ao que se conhece fugindo do discurso do vencedor; sua tarefa será satisfatória quando este passar a representar também a história dos derrotados. Assim se amplia o campo de visão da história que não representara um discurso unitário e persuasivo, mas possibilita que, com a

multiplicidade de discursos sobre o fato, se construa um olhar crítico e plausível sobre como realmente se deu o dado acontecimento.

Mediante essa premissa, Cantinho (2011) afirma que a tarefa do historiador deve estar direcionada a conduzir a uma visão da história que seja capaz de reparar as injustiças sociais e o sofrimento humano. Por meio da narrativa da história dos dominadores e dominados, vencedores e derrotados, a história estaria cumprindo sua função de evitar que as injustiças sociais passem despercebidas, ou ainda, evitar que elas sejam esquecidas pelo relato histórico; o discurso histórico, segundo o investigador, deve sim sinalizar os sofrimentos humanos e, desta forma, apresentar uma ótica que estaria mais próxima da verdade.

Do mesmo modo, Benjamin (1985) conduz a observação dos rastros do passado, pois, segundo ele, os historiadores, ao se apropriarem do passado como objeto de informação, devem ultrapassar as verdades conhecidas e focar sua análise para os vestígios que submergem na história. A relação do rastro está atrelada à memória histórica. Segundo Gagnebin (2006), o rastro representa “essa tensão entre a presença e a ausência, presença do presente que se lembra do passado desaparecido, mas também presença do passado desaparecido que faz sua irrupção em um presente evanescente.” (GAGNEBIN, 2006, p.44). Assim, a história tem como função recuperar o que se encontra desaparecido na história oficial, mas ao mesmo tempo, por meio de pequenos vestígios, vai sobrevivendo ao longo do tempo. A pesquisadora aclara ainda que “o rastro inscreve a lembrança de uma presença que não existe mais e que sempre corre o risco de se apagar definitivamente.” (GAGNEBIN, 2006, p.44). Desta forma a necessidade do estudioso da história buscar neste vestígios a recuperação de um passado que está a beira do completo esquecimento.

O estudo da história e seus conceitos foram necessários para contextualizar a matéria que serviu de base para a construção dos romances históricos e, do mesmo modo, para a construção da obra de William Ospina, o qual se vale dessa materialidade histórica para ficcionalizar o período do descobrimento da América. Em síntese, o estudo das definições da história atendem ao entendimento do uso desse material na representação crítica da história do continente pela literatura.

Ao aplicarmos a análise sobre *El país de La Canela* (2008), ficou evidente desde as primeiras linhas da obra, que esta se trata da ficcionalização de uma história bastante conhecida; o que quisemos explicitar diz respeito a uma narrativa que desde suas primeiras páginas demonstra uma história que não é tão nobre sobre a conquista do Novo Mundo como se perpetuou e enalteceu na *Historia general y natural de Las Indias* (1851), crônica de Gonzalo

Fernandez de Oviedo sobre a chegada de Cristovão Colombo à América e da descrição das “maravilhas do Novo Mundo” ou, no relato de Carvajal em *El descubrimiento del río de las Amazonas* (2011), relato histórico que enfatiza o olhar dos expedicionários após enfrentarem a fome e os ataques indígenas e sobreviverem aos perigos do grande rio. Estas obras mantêm traços semelhantes em sua composição, pois são documentos históricos que externam o olhar do conquistador sobre a região, ou seja, apontam uma perspectiva restrita que não abre margem para a representatividade dos demais grupos envolvidos no processo.

No entanto, a crônica de Carvajal serviu de ponto de partida para Ospina criar seu narrador e, por conseguinte, sua obra. O que se observa de comum, nas obras anteriormente citadas dos dois autores, é a perspectiva apresentada: trata-se da descrição do estrangeiro sobre a região, demonstram o espanto diante do exótico e, ao mesmo tempo, servem de cenário fértil para a aplicação de antigas crenças da cultura clássica por meio do imaginário utópico instaurado na região.

No romance de Ospina é evidente a preocupação em demonstrar os transtornos enfrentados na busca pela canela: conflitos internos, enfrentamento da natureza e dos nativos, a escravidão e execução de um número elevado de índios que compunham a tripulação, como castigo pela falta de sucesso da expedição. Neste sentido, o questionamento implícito no romance se dá por um descontentamento e por uma inquietação do narrador em não deixar que suas memórias morram antes de transmiti-las, aponta para a necessidade de, por meio da representação das memórias, demonstrar as injustiças cometidas.

Assim também, as narrativas históricas passam a apresentar uma visão semelhante à estudada por Benjamin (1985) e seus seguidores, segundo a qual as obras literárias, como *El país de La canela* (2008), devem estar abertas para os múltiplos discursos dos envolvidos nos fatos históricos, como o ocorrido no período colonial.

Na visão de Ospina, a construção de seu narrador aponta para uma tentativa de partir da perspectiva dos vencidos no cenário colonizador, ou seja, temos um personagem que se descobre mestiço em uma sociedade onde a mistura de raças não era bem vista, não encontra o reino da canela, a herança do pai nunca recebeu e a morte do amigo não conseguiu evitar. No entanto, a narrativa tornou-se indispensável, uma vez que, cumpriu com o papel descrito por Benjamin (1985) de contar a história dos vencidos, devolvendo-lhes a possibilidade de representação, recuperando-os do esquecimento.

Retomando os estudos de Benjamin (1985), sua preocupação como historiador crítico estava direcionada à construção da história para além do discurso disseminado, já que a tarefa do historiador deve estar em contestar essa ótica unitária do discurso pelo foco do grupo



vencedor, visto que a história também se constitui dos derrotados, há verdades e não uma única perspectiva que necessitam de transmissão. Ao mencionarmos o discurso neste trabalho, nos remetemos aos estudos de Stuart Hall ao citar que:

Um discurso é um conjunto de declarações que provem uma linguagem para falar sobre – por exemplo, uma maneira de representar – uma espécie particular de conhecimento, sobre um tópico. Quando as declarações são feitas dentro de um discurso particular, o discurso possibilita construir o tópico de certa maneira. (HALL, 1996, p. 201)

Neste sentido, o discurso histórico foi construído de acordo com a ótica do usurpador espanhol, com uma visão externa sobre a região americana a qual no romance também abrange a região amazônica ao tratarmos do Rio Amazonas. Como afirma a professora Ana Pizarro “A Amazônia [tal qual a América] é uma região cujo o traço mais geral é o de ter sido construída por um pensamento externo a ela” (PIZARRO, 2012, p.31). Deste modo, a construção discursiva sobre o Novo Continente torna-se um transparecer ideológico, uma vez que foi produzido por indivíduos que falam desse lugar específico de enunciação.

Conforme as explanações anteriores, observamos que a história sempre será um discurso condicionado ao grupo que detém o poder e, por esse motivo, apresenta uma perspectiva restrita que, na maioria dos casos, termina por deixar à margem parte do que realmente aconteceu, contrapondo à teoria de Benjamin (1985) na qual o historiador deve focar nos não ditos. Nessa linha de raciocínio os pesquisadores Assis & Cordeiro afirmam que:

O papel do historiador, antes de qualquer ato, é de explicitar como a narrativa histórica precisa ser contada a partir dos vencidos, desmitificando, assim, os vencedores. O papel do historiador é saber como narrar a história na espiral da revolução, da libertação das utopias oprimidas do passado, buscando destruir suas forças decisórias. (ASSIS & CORDEIRO, 2013, p 204)

Desta forma, o historiador estará cumprindo sua missão, abrindo novas possibilidades de entendimento, atendendo as necessidades dos grupos e possibilitando uma compreensão ampla e crítica dos fatos históricos. E é nesta perspectiva apontada pelos estudos de Benjamin (1985) e Gagnebin (2006) que conduzimos as observações da relação memória, história e literatura, no subcapítulo seguinte.

### **1.3 Um olhar sobre a relação literatura, memória e história**

Neste capítulo, apresentamos os eixos norteadores que propõe o suporte teórico metodológico que nos permite estudar o *corpus*. A Memória e a História como temas centrais

para os desdobramentos do estudo sobre o Novo Romance Histórico, e como categoria analítica que nos permitiu enxergar o narrador derrotado como porta-voz dos silenciados historicamente, não pode ser estudada sem que se esclareça sua relação com a história e sua aplicação nos estudos literários.

Assim, neste subcapítulo, nos propomos em desenhar o percurso que entrecruza a literatura, memória e história para assim demonstrar, no capítulo seguinte, como surgiu o NRH, gênero estudado por outros autores que apresenta as categorias elencadas abaixo para, por fim, compreendermos como se constitui esse narrador e nos questionarmos se de fato a narrativa rompe com o padrão romântico clássico ou ainda se termina por não se desvencilhar dele. No parágrafo seguinte, iniciamos como se dá a relação entre as categorias.

Francisco Fleck (2005), pesquisador contemporâneo do Novo Romance Histórico apresenta um olhar esclarecedor sobre a relação entre história e literatura ao apresentar o papel do historiador e do romancista no momento de construção dos seus discursos deixando evidente a aproximação entre àquela e a ficção.

Há grande semelhança entre a tarefa do historiador e do romancista histórico na recuperação dos fatos e personagens do passado, uma vez que a matéria que utilizam – embora de maneiras diferenciadas –, são os feitos que aí se produziram e que geraram consequências que se estendem até nossos dias. Suas investigações podem levá-los a visões diferentes, mas ambos procuram refletir sobre a natureza do homem, sobre o passado que o conduziu ao nosso presente. Por mais distintas que sejam as suas interpretações, os dois acabam produzindo a narração de uma história, uma reconstrução do passado que não está alicerçada somente nas fontes históricas, mas também no modo subjetivo de selecionar e ordenar as informações adotadas tanto pelo historiador como pelo romancista. (FLECK, 2005, p. 225-226)

Essa aproximação da tarefa do historiador com o romancista, feita pelo pesquisador, se dá devido às suas investigações a respeito da constituição do NRH, gênero que atualmente vem sendo bastante estudado e trata de obras literárias escritas usando como cenário, períodos históricos presentes nos relatos oficiais que, de alguma forma, inquietam o romancista; este se utilizando de todas as estratégias literárias, recria este passado de forma a torná-lo familiar, identificável com as memórias mantidas pelos grupos que descendem dele.

Ospina (2008) lança seu olhar observador sobre as marcas deixadas pela memória histórica dos historiadores e cronistas para traçar a construção da narrativa do *País da Canela* e a forma adotada para demonstrar as memórias do passado foi a da escolha do narrador que se descobre mestiço. O jogo entre realidade e ficção ganha vida na obra diante da perspectiva desse personagem sobre a América. Para concluir a relação estabelecida por Fleck (2005), o

contraponto entre a tarefa do romancista e do historiador fica mais evidente ao considerarmos que:

O historiador age com rigor científico: parte do fato, dos documentos e registros que nos são apresentados através da leitura daquilo que já existia, ou seja, ele constrói sua narrativa histórica sob a forma de “versão”. Embora esta possa ser cientificamente comprovada, ela é uma “representação do real”, ou seja, a reconfiguração histórica do passado, é, em última instância, a interpretação daquilo que o historiador entende que tenha ocorrido. O romancista, ainda que utilize as mesmas fontes que o historiador, reproduz este passado com liberdade e imaginação, pelo emprego da subjetividade, tanto a sua quanto a dos personagens que recria, não tendo que ocultar tal procedimento, pois seu discurso acena para aquilo que, nestas circunstâncias e diante de evidências expostas nas fontes, poderia ter ocorrido. (FLECK, 2005, p. 226)

Com base nessas observações, tanto a história como a ficção utilizam-se das técnicas discursivas para manusear, de forma específica, os temas a que se propõe discutir. Na Literatura percebemos uma tentativa de relacionar a fonte exterior ao texto como uma estratégia para dar credibilidade aos romances ou como técnica que permite questionar e contrapor o relato oficial. Em *El país de la Canela* (2008), o narrador realiza esse trânsito, melhor dizemos, busca as memórias do passado da colonização, as suas memórias, as quais transmite, de forma ficcionalizada, por meio do romance.

A aproximação do ofício do historiador com o do romancista, apesar de suas particularidades, se dá pelo objeto que ambos compartilham: o fato histórico. Essa proximidade, na qual o romancista invade o campo do historiador para reformular seu *corpus*, é justamente a característica principal do NRH; no romance do colombiano, o narrador mestiço busca na sua, que também é a história do continente, as memórias que ficaram marcadas pelo contato, pelo confronto e pelo estranhamento causado pelo encontro de grupos culturais distintos.

As narrativas produzidas na América Latina constantemente foram retratadas por uma visão europeizada; a literatura adquire maior relevância ao servir de porta-voz de um continente há muito explorado, insatisfeito diante da visão estereotipada criada ao longo da história, ao passo em que se reinventa na busca da construção de sua própria identidade. As memórias do narrador mestiço abrem margem para fazermos referência, ainda que brevemente, sobre o aspecto identitário ao qual estavam classificados os participantes da expedição de *El país de La Canela* (2008):

Porque los españoles vinieron, descubrieron y conquistaron los territorios americanos, sojuzgaron y oprimieron a los pueblos indígenas y luego contaron su versión de los hechos en las crónicas y las historias generales. Y no olvidemos que al llegar a América se encontraron con pueblos cuya lengua

desconocían, menos aún conocían su cultura, historia, religión y costumbres. Y resolvieron fácilmente el problema, determinando que esos pueblos eran bárbaros, lo mismo que todos los habitantes de África que traían a América para ser esclavos eran simplemente negros. (SOLDATIC, 2012, p.118)

No fragmento supracitado, o autor demonstra como se deu o processo de imposição da cultura européia sobre os povos americanos e sobre os africanos trazidos à América; o relato traz, outra vez, a versão dos acontecimentos registrados nas crônicas oficiais e na história geral do continente. O termo “bárbaro” esclarece a concepção acerca dos americanos e justifica os atos violentos a que foram submetidos, dada à sua inferioridade marcada na cor da pele, tema que fora melhor explicado mais adiante. Para melhor compreendermos o processo de imposição da cultura dominante e das relações de poder consolidadas no continente, no subcapítulo seguinte faremos um breve trânsito por outros períodos históricos que se assemelham aos apagamentos ocorridos no período colonial.

#### **1.4 Um trânsito por *El País de La Canela*: conhecendo autor e obra**

O escritor colombiano nasceu na cidade de Pádua, em Tolima. Formou-se em Direito e Ciências Políticas em Santiago de Cali, trabalhou como jornalista e publicitário até 1990. Segue atualmente como tradutor, novelista e, principalmente, como ensaísta e poeta. Suas obras assumem um caráter social, denunciando as problemáticas de seu país sempre com um compromisso político. Iniciou sua carreira com a produção de poesias. É sócio fundador da revista *Números* e escreve uma coluna semanal no Jornal *El espectador*, de Bogotá. Suas primeiras obras publicadas são os livros: *Hilo de Arena* (1986), *La luna del dragón* (1992), *El país del viento* (prêmio Nacional de Poesia, Cocultura, 1992), *¿Con quién habla Virginia caminando hacia el agua?* (1995), *África* (1999), e *Poesía* (Editorial Norma, 2008), são suas produções nesta área. O autor também produziu ensaios como: *Es tarde para el hombre* (1994), *Esos extraños prófugos de Occidente* (1994), *Um álgebra embrujada* (1996) *¿Dónde está la franja amarilla?* (1997), *Las auras de sangre* (1999), *Los nuevos centros de la esfera* (Prêmio de Ensaio Ezequiel Martínez Estrada, de Casa de las Américas, La Habana, 2003), *La decadencia de los dragones* (2002), *América Mestiza* (2004) e *La escuela de la noche* (2008).

Suas produções romanescas iniciam em 2005 com a publicação do primeiro romance da trilogia que faz parte do objeto desta investigação, *Ursúa*, o qual trata sobre as viagens ao Amazonas no século XVI. Em seguida, em 2008, lança *El país de la Canela*, sua obra de maior destaque que lhe concedeu o prêmio *Romúlo Gallegos* e, para finalizar, as aventuras pelo continente americano e concluir a história de *Ursúa*. Em 2012, publica *La serpiente sin ojos*.

William Ospina mantém em suas obras o caráter crítico-social das relações historicamente instauradas no continente; a sua literatura, seja a de cunho poético ou prosaísta, está direcionada a combater e criticar estereótipos inseridos no continente desde a chegada dos colonizadores ao Amazonas, como encontramos no romance analisado, chegando aos reflexos de políticas implantadas e condutas tidas como adequadas aos moldes de uma sociedade constituída em um novo continente que, no entanto, segue até os dias de hoje, na tentativa de se desvencilhar por completo dos infortúnios gerados pela imposição da cultura européia em detrimento da diminuição, da ocultação e do silenciamento do personagem e de traços culturais oriundos do continente latino-americano.

Assim, temos um autor latino-americano preocupado em expressar de forma crítico-consciente as memórias coletivas do passado que foram deixadas à margem: as histórias dos personagens que não representaram a mentalidade conquistadora e vitoriosa da empresa colonial exploratória. Temos, em suas obras, a representatividade dos grupos que atualmente constituem o ser latino-americano: os personagens secundários e insignificantes nas narrativas históricas produzidas pelo viés europeu, assim como das Literaturas construídas imediatamente após os fatos que são recuperados agora como protagonistas ou personagens indispensáveis dos romances.

Esses grupos guardaram as marcas do passado ao longo dos séculos, apesar de não terem adquirido a representatividade satisfatória no processo de formação/constituição do continente americano com ênfase na América-Latina, sempre permaneceram ligados às suas origens e, finalmente desde o Modernismo, seguido do “Boom” e com o Novo Romance Histórico por trás desses processos, passam a demonstrar o sentimento de alteridade para com os novos personagens protagonistas das obras literárias. Por ora, nos contentamos nas sucintas reflexões apresentadas sobre as memórias do autor, dos grupos sociais atuais e de todo o aparato histórico que serviu de base para a construção ficcionalizada de fatos e personagens que outrora materializaram tais relações. Assim, partimos para a segunda possibilidade de análise por meio da personagem narrador no tópico seguinte.

#### **4.4 El país de La Canela: na trilha do romance**

Para realizarmos a observação sobre o trânsito entre história e memória que observamos em *El país de La Canela* (2008), buscamos os estudos de González Calleja (2013), professor de História contemporânea investigador da violência política, por acreditar que seus apontamentos contribuem para a compreensão do tema, para a consolidação da memória

histórica, uma vez que, o romance está estruturado sobre as marcas do passado histórico da busca pelo utópico país da canela e a memória, como permanência de um passado no presente.

La memoria es la representación permanente de la experiencia en la mente individual y los colectivos humanos. Sin la memoria no existe la posibilidad de experiencia, dijo Aristóteles, y sin la capacidad de recordar, de hacer presente lo pasado, no existiría modo de elaborar una historización de la experiencia o una captación del presente como Historia. (GONZÁLEZ CALLEJA, 2013, p.84)

Desta forma, no fragmento supracitado, a memória, como instrumento que mantém vivo tanto em indivíduos como na coletividade as experiências, possibilita uma organização histórica que perpassa os acontecimentos passados e, ao mesmo tempo, caracteriza o presente como história; a memória mantém presente parte do passado que só continua a existir enquanto for lembrado.

Desta afirmação temos a direção para o estudo da obra *El país de la Canela* (2008), este romance do escritor contemporâneo Willian Ospina, a qual tem como cenário da narrativa o rio Amazonas e retoma as memórias da constituição da história de origem do continente latino-americano iniciada pelo encontro de europeus e indígenas que culminou com a conquista e a colonização da América.

A obra parte da perspectiva do narrador anônimo mestiço que apresenta suas recordações de vinte anos anteriores ao momento presente da narrativa; ele conta a seu amigo Pedro de Ursúa, os transtornos enfrentados pelos conquistadores conduzidos por Gonzalo Pizarro durante a busca pelo país da canela.

O narrador parte das memórias de sua infância, que em relação aos dias atuais ocorreu há quinhentos anos, com destaque ao imaginário utópico construído sobre as terras americanas, aos horrores cometidos pelos primeiros conquistadores que participaram da expedição conduzida por Gonzalo Pizarro, em 1541, rumo ao País da Canela e, posteriormente, por Francisco Orellana, em 1542, culminando com a descoberta do rio Amazonas.

Dividido em 33 capítulos, o romance se desenvolve ao longo do ano de 1542, mantendo assim o elo com o relato histórico oficial. Narrado em primeira pessoa inicia com a memória de uma carta recebida, ainda na infância pelo narrador e enviada por seu pai pouco tempo antes de morrer; neste momento, o protagonista estava com 12 anos e leu sobre a conquista do império Inca. O que se observará ao longo de toda a narrativa é sua estreita ligação com a história e, em dados momentos, leva o leitor a se questionar se está se tratando apenas de um relato histórico.

Na verdade, essa foi a escolha feita por William Ospina: a construção de um romance com base nos documentos oficiais na tentativa de se manter vinculado a eles e, ao mesmo tempo, demonstrar as memórias persistentes de um passado pulsante na busca por uma reflexão sobre a constituição do povo latino-americano. Essa ligação entre as memórias do passado e sua relação direta no romance com a História nos levam a estabelecer esclarecimentos sobre os estudos da memória e, do mesmo modo, sobre as aproximações das definições de história, uma vez que, ao longo de todo o romance, nos deparamos com as lembranças de um personagem que apresenta a sua trajetória, como também discorre sobre a de outros personagens reconhecidos pelos registros historiográficos.

Em *El país de la Canela* (2008), as memórias que são apresentadas partem de um narrador personagem que as transcreve sobre a ótica da representação. Deste modo, partimos das memórias pessoais que, associadas às recordações do grupo social onde está inserido o personagem, permitem que se estabeleça o diálogo entre memória, história e literatura.

Nas primeiras linhas, o narrador relata ao ouvinte e amigo, Pedro de Ursúa, os fragmentos que permaneceram marcados de sua infância no Novo Mundo, a sua percepção particular sobre as conquistas e o tratamento dado aos envolvidos no processo, parte das percepções internas, marcas e recordações pessoais para, em seguida, transitar para a memória Coletiva.

A representação das memórias do passado parte da ótica individual do narrador mestiço por meio dos fragmentos que marcaram sua infância, para apresentar não apenas sua percepção do passado histórico, da busca por *El país de la Canela* (2008) e por *El dorado*, mas externa, como seu pai, os viajantes e a sociedade observaram o período de conquista do império Inca. De acordo com o que fora citado, o narrador do romance se apropria das lembranças de todo o grupo que o precedeu e passa a ser a voz que termina por externar as memórias de todos os envolvidos nessa teia de histórias que se entrecruzam.

As lembranças de seu pai permanecem preservadas por meio da carta que recebeu e, anos depois, lembra detalhadamente, a sensação que sentiu ao ler a descrição da conduta dos espanhóis para com os integrantes do império Inca: “Hoy se que aquella carta embrujada me arrancó de mi infancia. Me parecia ver la Luna con su cara de piedra presenciando en la noche la profanación de los templos, la violación de las vírgenes, el robo de las ofrendas” (OSPINA, 2008, p. 8-9).

A visão de asco, sobre a violação do império Inca, vai além da percepção do conquistador, demonstra a perspectiva dos violados, conduz a um olhar sobre a profanação da cultura, dos corpos e das oferendas indígenas. O cenário descrito na citação acima conduz a um

tipo de memória específica a qual será recuperada ao longo do romance: a memória do esquecido, do derrotado e, por conseqüência, externará a memória do trauma sofrido pelo narrador. O trauma não será amplamente discutido neste estudo uma vez que não é o foco central da investigação.

As memórias coletivas entendidas segundo Halbwachs (2004) como “una corriente de pensamiento continuo, de una continuidad que no tiene nada de artificial, ya que retiene del pasado sino no lo que todavia está vivo o es capaz de permanecer vivo en la consciencia del grupo que la mantiene” encontram-se representadas na narrativa por meio do narrador que se transforma na materialidade da voz dos vencidos descritos no romance os traços de vários personagens e com o olhar sobre o que cada um destes indivíduos representou no contexto da usurpação da América, melhor dito, o narrador recupera a lembrança de figuras que estavam próximas do esquecimento mas que de alguma forma conseguiram deixar resquícios de sua existência na consciência do grupo. E neste momento destacamos também a constituição da memória individual que para se estabelecer necessita da interação com as recordações dos demais.

[...] para evocar su propio pasado, un hombre necesita recurrir a los recuerdos de los demás. Se remite a puntos de referencia que existen fuera de él, fijados por la sociedad. Es más, el funcionamiento de la memoria individual no es posible sin estos instrumentos que son las palabras e ideas, que no ha inventado el individuo, sino que le vienen dadas por su entorno. (HALBWACHS, 2004, p.53)

Neste sentido, a arte de recordar o passado perpassa também pela observação das vivências de todos os envolvidos no processo memorialístico, mas que frequentemente foram suprimidas pelo discurso histórico. Em *El País de La Canela* tratamos do contato entre espanhóis e indígenas, assim como há menção aos mestiços, ou seja, não há como isolar a memória individual, ainda que ela pertença a cada indivíduo sempre reproduzirá as marcas do grupo em que este está imerso, com quem compartilha ideias, crenças, condutas. Em suma, será sempre um reflexo do meio social.

Desta maneira, compreendemos que mesmo inconscientemente, carregamos conosco as memórias do grupo ao qual estamos inseridos e o mesmo se dá ao tratarmos de situações onde estejamos sozinhos. As lembranças no romance de Ospina apresentam o passado por meio dos acontecimentos que o personagem consegue recordar, o que permite a reescrita da história.

Deste modo, temos um narrador que descreve sua história por meio dos rastros do passado vivido, “Porque a memória vive essa tensão entre a presença e a ausência, presença do



presente que se lembra do passado desaparecido, mas também presença do passado desaparecido que faz sua irrupção em um presente evanescente” (GANEBIN, 2006, p. 44) e, esse se apresenta como um dos pontos de destaque da obra: a sua abertura para a memória e a voz dos silenciados historicamente.

No capítulo seguinte demonstraremos os estudos de alguns estudiosos que nos permitem aproximar a obra ao NRH. No entanto, nossa proposta não se limita a restringir a narrativa a um gênero específico, ao contrário, é relevante observarmos como ela compartilha características com o novo romance, mas ao mesmo tempo evidenciamos que pela forma como foi construída não podemos limitá-la a um determinado gênero, a possibilidade de tecermos o diálogo com outros gêneros demonstra a grandeza e a multiplicidade de olhares que o romance de Ospina possibilita.

## **CAPÍTULO II - A REPRESENTAÇÃO DA HISTÓRIA NA LITERATURA: o Novo Romance Histórico Latino-americano (NRH)**

Neste capítulo, o foco de investigação se centra em discorrer sobre o gênero e suas características expressas no livro de Ospina, mas, para que tal relação seja esclarecida, faz-se necessária a contextualização do estabelecimento da vertente literária em análise. Para tanto, partiremos de um breve resumo das relações entre história e ficção, bem como das bases do romance histórico e sua evolução, para assim, distinguirmos o Novo Romance Histórico Latino-americano (doravante NRH) das etapas anteriores e demonstrarmos como essas características se aplicam à obra.

Partimos do enlace entre história e ficção, o qual servirá como primeiro passo para compreendermos o propósito do NRH, uma vez que o gênero se utiliza dessa relação por meio das memórias do passado para realizar a representação na narrativa e, deste modo, observaremos na obra a forma como o narrador se apropria do fato histórico transformando-o em objeto para a construção da crítica literária. Esta crítica literária ao romance histórico tradicional se apresenta como uma das marcas da nova vertente literária que, por meio da reinvenção de histórias conhecidas, se liberta de expor a história do descobrimento com ênfase nos “vencedores”, ou seja, ocorre a consolidação de uma literatura distinta que apresenta como vem ocorrendo a evolução da produção literária latino-americana.

[...] a ficção literária e a história guardam entre si estreita solidariedade, como instâncias que são de representação da experiência humana e pela natureza basicamente narrativa de seus respectivos discursos, que encontra na categoria do tempo o grande eixo estruturador. Da mesma forma, distinguem-se radicalmente pelo tipo de convenção que as organiza, isto é, a da veracidade para o campo historiográfico e a verossimilhança para a narrativa literária. (MILTON, 1992, p. 09).

De acordo com a afirmativa de Milton é possível percebermos que, ainda que haja uma base comum entre elas, também existem particularidades entre os fundamentos de uma e de outra área, ou seja, a forma como tratam o objeto que compartilham. A história sempre objetiva a proximidade completa com a verdade, enquanto que, a ficção, parte para a elaboração de um discurso que, por mais que se assemelhe ao real, está no âmbito da narrativa, um mundo particular e ficcional. De acordo com Francisco Fleck (2017), temos a narrativa histórica ancorada na verossimilhança e a história sempre mantendo relação estrita com a veracidade, mesmo mantendo suas distinções há uma relação de profunda dependência entre as duas.

Retomando as definições de história apresentadas anteriormente, enfatizamos como por ela é abordado o fato histórico.

À história compete reconstruir fatos e feitos do passado, buscando aprender seus significados. E isso é tarefa da imaginação do presente que, ao lançar-se ao gesto interpretativo desses fatos e feitos, tem por força que se submeter ao primado das fontes documentais. Na história, portanto, a imaginação está situada pelo critério da ‘verdade’. (MILTON, 1992, p. 08)

Segundo Milton, por meio da apropriação do fato o historiador tem a missão de transmitir ensinamentos às futuras gerações. Neste sentido, o objetivo seria olhar para o passado e com ele aprender para não mais cometer os mesmos erros, ou ainda, reproduzir o êxito de outrora, uma tarefa nada simples se considerarmos que o discurso reproduzido, por mais que tenha como primazia a “verdade”, estará sempre condicionado à perspectiva do grupo dominante, ou seja, trata-se de uma verdade carregada de impressões políticas externando uma visão restrita e incapaz de abarcar todos os envolvidos no processo.

Nesse sentido, a tarefa de “mostrar” a “verdade” do acontecido pela escrita da história é, de qualquer modo, mediada pela construção de um discurso no qual atua o narrador que, subordinado às ações do sujeito que o elabora como ente narrativo, faz recortes e (re)apresenta determinado acontecimento passado – agora, convertido em palavras articuladas em um discurso – a terceiros. Há portanto na atuação do historiador, um processo de (re)organização dos acontecimentos e uma configuração imaginativa das personagens presentes na narrativa. (FLECK, 2017, p. 29).

Em suma, temos um acontecimento passado recontado por um estudioso que investigou as marcas deixadas para, assim, discorrer sobre a história e apresentá-la à sociedade. Um narrador que apresenta seu discurso sobre um fato, ao qual por meio dos vestígios, foi reconstruído para só, então, transmiti-lo a terceiros. Desse modo, os fatos “han sido seleccionados por el historiador e inscritos en una trama que los ordena, los jerarquiza y les confiere un sentido (ideológico, político, moral)” (FERNÁNDEZ PRIETO, 2003, p. 148). Por meio de suas escolhas, o historiador termina por deixar transparecer a ideologia de seu grupo social, o aparato político imbricado no processo, assim como, as características ideológicas de seu grupo social.

Em contrapartida, a tarefa da ficção e, por conseguinte do romancista, está direcionada a “explorar ao máximo o poder evocatório das imagens e as sugestões das metáforas para que a literatura seguisse/siga cumprindo seu papel recreativo, catártico, artístico, no qual se toleram

contradições, polivalências, ambiguidades, tensões, num discurso plurissignificativo, em oposição ao discurso assertivo dos historiadores” (FLECK, 2017, p. 31). Tal qual reconhecemos a tarefa da literatura por meio da ficção: a de apresentar não apenas o que aconteceu, mas a possibilidade de jogar com a verdade, questioná-la, contrariá-la e demonstrar o que poderia ter ocorrido. E assim, direcionamos esta análise discursiva para a função inquietante do NRH e a reconstrução de personagens históricos destacando como a história poderia ser diferente.

Considerando as observações anteriores e aplicando-as no romance estudado, torna-se visível como o escritor relaciona a história e a ficção nas suas obras. O autor parte da biografia e de documentos oficiais que retratam os personagens e, para representá-los escolhe figuras de grande destaque como os irmãos Pizarro e, ao mesmo tempo, cria um personagem fictício ao qual lhe cabe ser o portador e descritor das memórias do passado.

Temos então, partindo do romance histórico, o entrecruzamento de ambos os discursos e surge uma manifestação distinta, híbrida, onde o relato histórico associado à narrativa permite que o leitor se depare com múltiplas interpretações do passado. Milton (1992) em relação ao assunto comenta:

[...] o romance histórico não compete com a história na apreensão dos acontecimentos. [...] não invade as dependências alheias. Antes, apresenta-se como um especial colaborador que, ao conferir dimensão simbólica à história, enseja novas formas de reflexão, outras verdades, inesperadas iluminações. Por outro lado, ele também vai de encontro às inquietudes e indagações, recobrando as excelências do passado e projetando dali os seus sentidos. (MILTON, 1992, p138)

A linha tênue pela qual transita o romance histórico se equilibra entre os dados historiográficos e as técnicas ficcionais adotadas pelo romancista. Neste sentido, “las novelas mienten – no pueden hacer otra cosa – pero ésa es sólo una parte de la historia. La otra es que, mintiendo expresan una curiosa verdad, que sólo puede expresarse disimulada y encubierta, disfrazada de lo que no es” (VARGAS LLOSA, 1996, p.07).

Importa esclarecer que, o estudo da nova vertente, originou-se da obra *O Romance Histórico*, escrito por Lukács (2011), o qual aborda o surgimento do romance histórico no século XIX na Europa e, antes de aprofundarmos no estudo do NRH, é pertinente compreendermos a construção do gênero historicamente. Ressaltamos que não é propósito desta investigação se aprofundar neste primeiro período, mas apenas contextualizá-lo sucintamente, para que se estabeleça a relação com o tema principal, a saber, o NRH.

Mediante essa premissa, Lukács (2011) aponta Walter Scott como o autor que marca o início do Romance Histórico, a obra deste último foi escrita na tentativa de reconstruir o passado. Scott distingue sua obra das produzidas anteriormente, pois faz surgir a criação de

personagens ficcionais inseridas e adaptadas ao contexto histórico “nas produções Scottianas, temos a inserção, num tempo passado, de personagens puramente ficcionais, que se adaptam tão perfeitamente às condições psicológicas e sociais das demais personagens, oriundas da história e reconfiguradas pela ficção” (FLECK, 2017, p. 38). Sobre a construção da obra, Lukács (2011) afirma que Scott “dá vida a determinada época não apenas em seu conteúdo histórico e social, mas também em seus aspectos humanos e emocionais, com seu aroma e sua marca especial” (LUKÁCS, 2011, p.67).

No percurso histórico de desenvolvimento, Lukács (2011) esclarece que com *Waverley* (1814) nasce o gênero híbrido no início do século XIX e, com a publicação de *Ivanhoé* (1841), se estabelece a base do chamado romance histórico clássico, gênero este que se disseminou rapidamente pela Europa e América, uma vez que foi muito bem aceito pelos leitores. No que se refere à produção literária latino-americana:

De acordo com Sommer, o romance histórico latino-americano, produzido no século XIX, estava envolvido com o projeto de forjar identidades nacionais, no contexto das nações recém-independentes. Tal produção visava a legitimar a nação que estava sendo construída, empregando estratégias de conciliação e apaziguamento para conter os conflitos que ameaçavam a desintegração das novas nações, devido às diversidades. Assim, os romances nacionais faziam parte de um projeto para promover a hegemonia em uma cultura em formação. (TORRE, 2017, p.40)

O cenário latino-americano para o desenvolvimento do romance histórico era bem distinto do europeu. Os países em processo de constituição de sua identidade e passando pelo processo de independência apresentam um contexto atípico de revoltas e busca pela consolidação da identidade nacional. Neste sentido, a produção romanesca se volta a valorização dos aspectos regionais e da discussão de temas referentes ao continente.

Os estudos de Fleck (2017) auxilia também no entendimento do processo evolutivo, pois, ele classifica como modalidade tradicional do gênero, o uso da história associada à ficção para exaltar o passado, ou seja, os fatos históricos já não são mais “pano de fundo”, neste momento passam a constituir os elementos principais da “diegese romanesca”. Como primeira obra na América, merece destaque *Xicoténcatl*, de autoria desconhecida e a qual foi publicada em 1826, na Filadélfia; grande parte dos personagens da narrativa são históricos, retratando o contato de dois mundos antagônicos; é uma obra que engrandece as tribos autóctones e denuncia a postura espanhola. Do romance surgem elementos que corroboram com o surgimento do NRH “a recusa do Poder fruto de uma história cheia de sequelas causadas por regimes autoritários em uma terra assolada pela violência e pela exploração; e uma clara atitude anti-hispanista,

apontada por Celia Fernández Prieto (2003) como uma fase avançada do modernismo.” (Fleck, 2017, p.48).

Destacamos também que as técnicas narrativas adotadas pelos escritores da época “buscam reconstituir, através da descrição minuciosa de lugares, cenas, hábitos, costumes e tradições, os ambientes, as épocas e os contextos nos quais se passaram as ações de seus romances” (FLECK, 2017, p. 48), o que torna essas obras atrativas.

Em *Guerra e Paz*, de Tolstói, o narrador apresenta uma perspectiva dos fatos contraditória à versão dos historiadores. Assim, ocorre um questionamento do discurso historiográfico, levando-o ao descrédito. “Tais aspectos aparecem com frequência e intensidade nos romances históricos contemporâneos hispano-americanos que recriam os episódios referentes ao descobrimento, à conquista e à colonização da América com estratégias escriturais que se enfrentam com o discurso historiográfico, sem qualquer restrição.” (FLECK, 2017, P. 49).

Seguindo a linha de investigação adotada por Fleck (2017), o Novo Romance Histórico Latino-americano é o próximo elemento da linha de análise e o ponto fundamental para esta discussão. A evolução da escrita dos Romances Históricos Clássicos e Tradicionais ganhou novas marcas no continente americano, as rupturas que ocorreram em terras latinas justificaram-se pelo tipo de história que se constituiu no continente com a chegada, a pouco mais de meio milênio, dos europeus no processo de conquista e colonização da América.

A nossa história passou, então, a ser escrita por eles – conquistadores, colonizadores e exploradores -, com seu modo de ver, sentir, analisar e registrar os acontecimentos e as façanhas por eles empreendidas aqui no que eles chamaram de “Novo Mundo”. Nessa história, está consignada apenas a visão do colonizador, pois aquela do colonizado foi sempre posta à margem, ignorada, silenciada e negligenciada. (FLECK, 2017, p. 57)

Dada a forma como se construiu historicamente o discurso sobre a América Latina, o Romance histórico vai adquirindo novas características, as rupturas aconteceram também devido à nova configuração histórica que foi se estabelecendo do contato entre usurpadores e explorados, desta forma, a narrativa histórica representou esse olhar europeu sobre a região, expressando a maneira espanhola de registrar e observar o novo continente.

A perspectiva singular instaurada nos documentos históricos provocou uma transformação nos romancistas latino-americanos. A nova produção literária que começara a emergir do descontentamento com os relatos oficiais recebe a denominação de *Novo Romance Histórico da América Latina*, por Seymour Menton (1993), em sua obra de mesmo nome. A

literatura, então, passa a constituir o discurso do continente a partir de seu interior para apresentar um contraponto, uma resposta com a representação das minorias esquecidas pelos relatos históricos do usurpador. De acordo com o exposto, os romances construídos sobre o período do descobrimento e a conquista passam por um revisionismo: os romancistas manuseiam a matéria histórica com liberdade para alterá-la e apresentar novos olhares sobre o passado.

Estes buscam desterritorializar o espaço imaginário que foi territorializado pela escrita eurocêntrica, assim como foi o espaço geográfico, e, pelas releituras críticas da história, empreendem a reterritorialização desse espaço com perspectivas do passado no qual o protagonismo não se restrinja aos “heróis sacralizados” pelo discurso historiográfico hegemônico, territorialista e excludente, mas evidencia também a experiência das margens, das vozes silenciadas, das comunidades e dos sujeitos propositadamente negligenciados nos relatos oficiais. Nessas escritas híbridas críticas, o discurso historiográfico é, em grande parte, abertamente contestado na busca de mostrar outros ângulos dos fatos registrados pela escrita europeia da época e finalmente, dar voz aos vencidos. (FLECK, 2017, p. 57)

Diante disso, a literatura representada pelo NRH passa a representar o passado de forma crítica dando ênfase a novos personagens reais (esquecidos) ou fictícios no propósito de libertar a América Latina para além das amarras territoriais que perduraram por muito tempo, mas também, da produção literária com uma representação do excluído, do explorado, do derrotado. O novo protagonista não mais será o herói da conquista/usurpação, mas o esquecido.

Nesse sentido, em 1949, é publicado o romance *El reino de este mundo*, de Alejo Carpentier e, posteriormente, *Yo el supremo*, em 1974, tidas como as duas narrativas que marcam o surgimento do gênero chamado de Novo Romance Histórico Latino-Americano (NRH).

De acordo com Fleck (2017), o surgimento do termo “novo romance histórico latino-americano” passou a ser disseminado a partir de 1981, pela primeira vez, por Ángel Rama para se referir aos romances que expressavam formas diferentes de tratar a história, adotados pelos romancistas latino-americanos. Quanto às marcas características do novo gênero, foram apresentadas por críticos literários como Fernando Aínsa e Seymour Menton.

Aínsa aborda essa caracterização em seus artigos *El proceso de la nueva narrativa latino-americana. De la historia a la parodia* (1988) e *La nueva novela latinoamericana* (1991), nesta última obra há também um traslado pelos diferentes autores e obras a partir dos anos 80 de que estas novas obras rompem com o modelo estético tradicional.

Assim, o NRH “[...] se há embarcado, así, en la aventura de releer la história [...] ejercitándose en modalidades anacrónicas de la escritura, en el pastiche, la parodia y el grotesco, con la finalidad de deconstruir la historia oficial” (AÍNSA, 1991, p. 82). O método desconstrutivo dos relatos históricos, nos quais grandes heróis do passado passam a ser representados de forma antônima, passa a ser uma das mais relevantes marcas do novo romance histórico e será constante nestas narrativas.

Saymour Menton, assim como Aínsa, é tido como o autor de maior ênfase no estudo da evolução do romance histórico na América Latina; o estudioso em seu livro *La nueva novela histórica de la América Latina 1979-1992* (1993) também dedicou seu estudo à análise e à caracterização das novas marcas do romance latino-americano e, desde o princípio de sua investigação, salienta que o NRH se estabeleceu como tendência predominante pelos literatos latinos.

Nas narrativas denominadas de NRH, o que se torna evidente: “Es la re-creación de la vida y los tiempos de un personaje histórico lejano” (MENTON: 1993, p.34). Para Aínsa (1991, p. 84), consiste em “la reescritura irónica y paródica, cuando no irreverente de la historia conocida”, de modo que a história e a literatura possam se reaproximar, uma completando a outra. Assim, uma das marcas características do gênero está na releitura da história pela ficção literária “en que la literatura es capaz de plantear con franqueza y sentido crítico lo que no puede o quiere hacer la historia [...] dando voz a lo que la historia ha negado, silenciado o perseguido” (AÍNSA, 1991, p. 83).

Fernando Aínsa é muito pertinente em fazer tal afirmação, assim, demonstra a real importância da literatura em nosso continente, ela assume o papel de ferramenta crítica de representação das injustiças sociais, praticadas há séculos na América, contra os latino-americanos. Na narrativa de Ospina, o narrador parte do conquistador que enlouqueceu ao se frustrar na busca pela canela para abrir a discussão sobre a ineficiência da coroa espanhola e da igreja católica sobre seus representantes no continente e, retrata a crueldade que estes “cristão” massacraram, escravizaram e se desfizeram dos nativos além da desigualdade e da submissão com a qual trataram os mestiços posteriormente.

Para entendermos melhor, o NRH realiza uma leitura crítica da História, ou ainda, da historiografia, que ao longo de sua produção foi escrita pelos grupos vencedores que direcionaram os derrotados ao esquecimento. Um traço marcante do novo romance histórico é a abolição da distância épica, passando a se valer de narrativas em primeira pessoa; os mitos do descobrimento sofrem degradação, são desconstruídos; se torna frequente o uso da sátira, da paródia e da carnavalização.



Nestas narrativas, há a abordagem de períodos históricos resgatados e expostos ora de forma retorcida ora modificada e, frequentemente, por meio da ficcionalização de personagens que remodelam as concepções pré-estabelecidas pela história tornando os romances atrativos e esclarecedores.

A nova ficção trata de embarcar na aventura de reler a histórica, voltando-se com olhos críticos para o período colonial, o iluminismo e a independência e, num sentido revisionismo, para o século XIX e o início do século XX. Aparentemente, depois que os trabalhos experimentais complexos dos anos 60 permitiram a entrada de toda sorte de influências, e após a latejante urgência dos anos 70, os romances teriam sentido a necessidade de incorporar o passado coletivo ao imaginário individual de uma perspectiva já decantada pelo tempo (AÍNSA, 2003, p. 75).

Ainda de acordo com Aínsa, o NRH possibilita que se realize uma representação da história direcionada ao período colonial e essa nova produção traz à tona uma época histórica bem conhecida que ganha uma nova interpretação pelo olhar da literatura, não mais seguindo o padrão literário do Romance Histórico Clássico, essa nova visão oferece ao escritor a liberdade de transformar e reconfigurar um passado conhecido.

Essa nova liberdade no discurso literário latino-americano é que torna a nova narrativa tão expressiva, uma vez que, já não é necessário seguir um padrão preestabelecido e se há possibilidade do NRH se distinguir por completo da antiga história já conhecida onde se torna evidente a crítica por traz do discurso da narrativa.

Retomamos a tarefa do materialista histórico de Benjamin (1985) que se torna aplicável ao romancista do NRH, uma vez que, a construção do discurso literário se dará na tentativa de recuperar os fatos escondidos, as vozes silenciadas e todos os abusos cometidos não retratados nos romances tradicionais. Dadas as devidas esclarecimentos sobre o assunto, seguiremos elencando as características, apresentadas por Aínsa, como identificadoras do novo gênero.

Neste primeiro momento, escolhemos apresentar todas as características apresentadas, por Fernando Aínsa e por Seymour Menton, como identificadoras do novo romance histórico. Para em seguida, selecionarmos as que observamos e comprovamos no estudo do romance de William Ospina. Partimos, então, das proposições de Aínsa:

- 1-O novo romance histórico faz uma releitura do discurso historiográfico oficial, cuja legitimidade é questionada.
- 2-O novo romance histórico aboliu a “distância épica” (Mikhail Bakhtin) do romance histórico tradicional, e ao mesmo tempo eliminou “a objetividade dos eventos” (Paul Ricoeur) inerente à história como disciplina.

3-A abolição da “distância épica” leva à desconstrução e “degradação” dos mitos constitutivos da identidade nacional.

4-A historicidade do discurso ficcional pode ser literal e seus referentes podem ser documentados minuciosamente ou, pelo contrário, o texto pode se vestir com os modos expressivos da história, embora ele provenha de uma “pura invenção” que mimetiza as crônicas e os relatos.

5-Um aspecto característico do novo romance histórico é a superposição de tempos diferentes.

6-Os múltiplos pontos de vista previnem que o romance apresente apenas uma verdade histórica.

7-Romances históricos possuem uma variedade de estilos expressivos muito diversos.

8-Com o intuito de reconstruir ou desmistificar o passado, os novos romances voltam sua atenção à língua e ao uso das diferentes formas de expressão: arcaísmos, “pastiche” e paródia.

9-Um novo romance histórico pode ser o “pastiche” de outro romance histórico. (AÍNSA, 1991, p. 18-30)

Para o estudo de *El país de la Canela*, relacionamos algumas das características elencadas por Aínsa e, do mesmo modo, outras apresentadas posteriormente por Menton, uma vez que estes dois autores são considerados os dois principais teóricos da nova narrativa; reafirmamos que estas características serão aplicadas visando discutir como se dá a relação história e memória e a aplicação desta última e de suas categorias na construção do enredo do romance, levando a uma reconstrução narrativa de caráter crítico-reflexivo do discurso de outrora.

Seymour Menton apresenta como traços característicos:

1. A subordinação, em diferentes graus da representação mimética de certo período histórico e a representação de ideias filosóficas; 2. A distorção consciente da História através de omissões, exageros e anacronismos; 3. A ficcionalização de personagens históricos; 4. A metaficção ou a inclusão de comentários do narrador sobre o processo de criação; 5. A intertextualidade; 6. Conceitos bakhtinianos como a multiplicidade de discursos e a carnavalização. (MENTON, 1993, p.42-43)

Como mencionado nas primeiras linhas deste subcapítulo, escolhemos apenas as características que emanam de *El país de la Canela* para realizarmos a análise. Deste modo, recortaremos alguns traços apresentados por Aínsa, brevemente, para em seguida nos aprofundarmos nas características de Menton.

## **2.1 Aínsa e a releitura do discurso historiográfico**

A releitura do discurso historiográfico se apresenta na obra de Ospina pela representação do período da usurpação da América perpassando a invasão, a conquista e a destruição do

Império Inca: “Ya desde el día anterior los jinetes que avanzaban por el valle sagrado habían percibido la luz de la ciudad sobre la cumbre, y sé que los primeiros que la vieron se sintieron cegados por su resplandor” (OSPINA, 2008, p. 7). A descrição segue com a invasão, “la profanación de los templos, (...), el robô de las ofrendas, (...) y el mundo inca vivió con espanto la profanación de su rey” (OSPINA 2008, p. 9).

O discurso historiográfico também tem sua releitura explícita na obra pela busca de *El país de la Canela*, no relato encontrado em documentos oficiais como a crônica de Frei Gaspar de Carvajal sobre o descobrimento do rio das Amazonas: “[...] por la mucha noticia que tenía de una tierra donde se había canela, por servir a su majestad en el descubrimiento de la dicha canela” (CARVAJAL, 2011, P. 9). A reconstrução do discurso histórico se inicia assim: “Fue en las terrazas saqueadas del Quzco donde Gonzalo Pizarro oyó por primera vez hablar del País de la Canela. (...) Pizarro adivinó las arboledas rojas de árboles leñosos y perfumados, un país entero con toda la canela del mundo, la comarca más rica que alguien pudiera imaginar” (OSPINA, 2008, p.54-55). No relato historiográfico, constam as dificuldades enfrentadas pelo caminho como a fome, os confrontos com indígenas e também a morte de muitos espanhóis. Como expresse no seguinte fragmento: “padeciendo muchos trabajos así de hambres como de guerras que los indios le daban” (CARVAJAL, 2011, p. 10). Em contrapartida, não há um olhar representativo das perdas indígenas e do quanto esses povos foram terrivelmente devastados nos enfrentamentos com os espanhóis.

A crônica deixa evidente que, junto com os espanhóis, embarcaram na expedição um número significativo de indígenas e, em certo momento, Carvajal relata que outros índios foram convidados a entrar no barco e obrigados a seguir viagem sem estarem de acordo com isso e, posteriormente, alguns morreram. Em *El país de La Canela* a desconstrução perpassa esse aspecto, Ospina ao relatar o percurso traçado por esses homens no afã de encontrarem árvores de canela em abundância, descreve o desprezo dado aos índios que foram levados por Gonzalo Pizarro e Francisco Orellana.

(...) resistíamos mejor la adversidad, no tenían la misma suerte los indios descalzos que iban quedando desnudos por las ráfagas de la intemperie, y a los que forzosamente abandonamos, no siempre muertos, cuando sus cuerpos, como dijo una vez Pizarro, se hacían inservibles. De más de uno me persigue la mirada desamparada y vacía, cuando nos veían alejarnos y se quedaban solos a merced de la lluvia por caminos que sólo frecuentan las fieras. (OSPINA, 2008, p. 106)

Deste modo, começa a se revelar a liberdade do discurso de Novo Romance com a evidência de uma narrativa que não mais é apresentada pela perspectiva do usurpador, mas, abre luz sobre os vitimados. Mais adiante, depois do fracasso da viagem, os dois capitães, na tentativa de sobreviverem às adversidades, se separam e este é o terceiro ponto que escolhemos para retratar essa releitura do discurso historiográfico. Na crônica, Carvajal segue a linha de engrandecimento destes homens diante das tormentas para encontrarem comida e ajuda aos soldados vitimados pelas armas indígenas, sendo possível relatar a crítica à postura destes homens.

No romance, o relato segue externando os conflitos internos entre capitães: Pizarro e Orellana não conseguem entrar em acordo quanto ao caminho a seguir após a intensificação da fome e do número elevado de doentes; o narrador deixa claro que a intensão de Orellana era de conseguir ajuda ao propor se seguir o caminho contrário, no entanto, nas linhas seguintes, Pizarro o acusa de roubo e traição evidenciando que “Empezaba la guerra entre conquistadores” (OSPINA, 2008, p. 92); este é, portanto, o terceiro ponto que enfatiza a releitura crítica do discurso historiográfico. Os confrontos da conquista se dão não apenas contra os nativos, ao contrário, os próprios grupos usurpadores viviam sérios conflitos internos, o que aponta para um total descontrole da coroa espanhola sobre seus enviados.

A segunda característica apresentada por Aínsa aborda a eliminação da objetividade e a degradação dos mitos constitutivos da identidade nacional; a historicidade do discurso ficcional pode ser literal e seus referentes podem ser documentados minuciosamente ou, pelo contrário, o texto pode se vestir com os modos expressivos da história, embora ele provenha de uma “pura invenção”. O romancista tem total liberdade para recriar a história sem necessitar, obrigatoriamente, repetir ou reafirmar a importância de determinada figura icônica do período, ao contrário, em seu relato pode desconstruir o herói demonstrando uma visão crítica oposta, como ocorre com Gonzalo Pizarro, representado como grande vilão na narrativa da canela. Gonzalo Pizarro era “el tercero de una familia de grandes ambiciosos. Buitres y halcones” (OSPINA, 2008, p. 66) e a descrição é retomada alguns capítulos depois “Hay que matarlos’, les dijo a sus ayudantes. ‘? Quién capitán?’ ‘Que no quede vivo un solo índio” (OSPINA, 2008, p. 101) e em “[...] los crimines del capitán y sus verdugos me hicieron pensar que todo en la selva, comparado con aquello, era inocente” (OSPINA, 2008, p. 108).

E para finalizar a seleção de características apresentadas por Aínsa, escolhemos os múltiplos pontos de vista. Como mencionado no ponto analisado anteriormente, a perspectiva escolhida foi a de desconstruir personagens de destaque na história do continente construindo um relato que nos faz refletir sobre a perspectiva dos conquistadores e, ao mesmo tempo, sobre

a ótica do índio e mais associado às visões de um mestiço. O campo analítico se abre, portanto, a múltiplos pontos de vista que permitem com que a narrativa seja compreendida pela variedade de percepções sobre um mesmo fato. Vale lembrar que recortamos, também, algumas características apresentadas pelo crítico uruguaio Seymour Menton e seguiremos no subcapítulo seguinte com as observações sobre o seu trabalho.

## **2.2 Menton e a desconstrução da História**

O primeiro autor a publicar um trabalho sobre e com as características do novo romance foi Seymour Menton. Para este autor, o gênero adquiriu traços distintos e particulares da América Latina, se distanciando do Romance Histórico tradicional e, por esta razão, recebeu a nova terminação: “da América Latina”, por tratar de temas polêmicos do continente e representar a realidade singular que se constituiu na região após o processo de invasão e usurpação. Das características apresentadas pelo estudioso muitas se assemelham as apresentadas por Aínsa e, deste modo, complementaremos a análise iniciada no subcapítulo anterior, destacando as seguintes que emanam do romance: 1) distorção consciente da história; 2) a ficcionalização de personagens históricos; 3) a metaficção e a 4) intertextualidade.

As novas produções literárias latino-americanas partindo de 1979, como fixa o estudioso, inquietam pelo discurso crítico que demonstram, evidenciam uma alternativa sobre a descrição da região e, como não havia representação satisfatória das minorias, adotam essa característica. Por meio de *El país de la canela*, nos deparamos com um derrotado, ainda que seja espanhol, um narrador que se descobre mestiço: a voz gritante das minorias, e a representação da inferioridade de índios.

Neste capítulo buscamos, portanto, compreender como o processo histórico de representação do passado se tornou elemento de estudo literário por meio das memórias individuais, coletivas e históricas que perduraram durante o tempo e, como essas memórias se manifestam por meio dos traços do NRH diante da análise das características apresentadas como identificadoras do gênero.

A narrativa de Ospina sobre as aventuras em busca da canela podem ser caracterizadas como NRH, deixando evidente a complexidade desta tarefa. William Ospina Buitrago se enquadra na distância épica sobre a qual constrói seu romance. Assim, observamos que o autor colombiano contemporâneo, buscou o período de conquista e usurpação sofrido pela América por meio de um narrador que se descobre mestiço e passa a ser essa voz, que se transforma em múltiplas vozes, ao transmitir as derrotas de todos os envolvidos na busca pelo, Pais da Canela, *El dorado* e pela conquista do reino das Amazonas.

Nesse percurso, há a recuperação da memória dos vencidos já relatados na história do continente, mas, a narrativa se distingue por apresentar também como derrotados a figura pouco conhecida do espanhol Pedro de Ursúa, “que havia ganhado quatro guerras” (OSPINA, 2012, p.69), de Gonzalo Pizarro, no fracasso da busca pela canela e, em uma análise crítica, por conseguinte, todos os outros usurpadores que participaram das expedições.

A distorção consciente da história, em Ospina, inicia com a apresentação do narrador descrito como mestiço: ele não tem seu nome revelado em nenhum dos três romances da trilogia e, é quem nos apresenta suas próprias aventuras e frustrações reveladas ao amigo Pedro de Ursúa. Tratamos de uma distorção da história, uma vez que este personagem protagonista não existe nos relatos históricos, não há relatos de sua presença na crônica de Carvajal sobre o descobrimento do rio Amazonas e, tão pouco, em outras crônicas do período. Sua participação marca a ficcionalização do fato histórico da busca pela canela e do descobrimento do rio, é ele o portador de todas as lembranças e o único responsável em transmití-las.

O grande destaque nas obras de Ospina está na figura deste personagem narrador que se apresenta como vivente e sobrevivente das aventuras fascinantes descritas nas obras. Este presenciou o descobrimento do Rio Amazonas na expedição conduzida por Francisco Orellana, em seu propósito de auxiliar a Gonzalo Pizarro; participou da busca por *El dorado* com Ursúa e nos apresenta uma teia de memórias históricas que interligam as personagens, seus conflitos, seus confrontos e suas alianças na América, tida como receptáculo de sonhos e utopias.

A forma como Ospina dá voz a um narrador mestiço é uma contravenção aos moldes clássicos das narrativas. Frequentemente, encontramos narradores que apresentam a visão do dominador sobre seus dominados, com a imposição de culturas e de hábitos sociais que lhe são particulares. Assim como é possível encontrarmos uma versão indianizada representando o discurso sacralizado do oprimido e explorado.

Em *El país da la Canela*, em contrapartida, temos um narrador que se encontra à margem, está no entre lugar, termo utilizado por Homi Bhabha (2001) para se referir àquele que não se enquadra em nenhuma das duas características; não é espanhol e tão pouco se configura na imagem do indígena, está em constante crise identitária, mas detém o poder do discurso. Conhecemos as aventuras de Ursúa por meio de suas memórias.

O narrador, semelhante a Frei Gaspar de Carvajal e outros cronistas da América, utiliza a estratégia de buscar autores imortalizados pelos clássicos como uma forma de comprovar seus escritos. Quando apresenta sua biografia, se descreve como discípulo de Gonzalo Fernández de Oviedo para dar credibilidade à sua história. O que se comprova na seguinte citação: “y desde los once años fui recibido como aprendiz en la fortaleza de la isla, donde por recomendación

de mi padre orientó mis estudios el hombre más importante que había en la española” (OSPINA, 2008, p.22).

Deste modo, vai descrevendo cada personagem à sua maneira, ora demonstrando as virtudes ora em grande parte da obra vai desconstruindo os personagens do romance. Pizarro torna-se vítima de sua cobiça; Ursúa, cego de amor, descuida de suas obrigações como capitão e comandante e é vitimado pelos companheiros; Balboa, confiando em seus amigos, é condenado e descartado por eles. Uma sociedade selvagem onde os membros do grupo vivem em constantes conflitos internos pelo poder e pelo controle das regiões e respectivas riquezas encontradas, ou ainda, pelo direito de buscar tais tesouros. Observamos que a distorção consciente da história ocorre nas narrativas por meio da crítica às condutas e à perspectiva pela qual o narrador escolheu apresentar cada um dos personagens históricos, dando ênfase as características mais baixas e repugnantes deles. Essa é a primeira característica apresentada por Menton, analisada de forma breve seguimos com a ordem respectiva em que foram elencadas anteriormente.

A próxima característica do NRH presente na obra é a metaficção indiretamente subentendida, e a qual evidencia que a narrativa nada mais é que uma produção literária, apesar de estar ancorada na memória histórica. Segundo Moya (2008, p. 48), “la metaficción rompe la ilusión de verdad creada por el relato, recordando al lector que el universo en el que se hallaba absorto es sólo una sutil urdimbre lingüística, producto de las decisiones técnicas y la enunciación artificiosa de un escritor”. Ao passo que, Hutcheon (1991) afirma que a metaficção tem por característica apropriar-se de personagens e acontecimentos históricos sob a ordem da problematização dos fatos concebidos como “verdadeiros”, ou seja, não existe uma única verdade dos fatos, mas, múltiplas “verdades” de um acontecimento histórico.

Deste modo, a maioria dos personagens descritos na trilogia de Ospina são históricos e, dentre estes, destacamos os que acreditamos serem mais pertinentes para esta investigação, como por exemplo: Pedro de Ursúa; os irmãos Pizarro: Gonzalo, Francisco, Fernando e Juan; Francisco de Orelhana; Vasco Nunez Balboa; Gonzalo Fernandez de Oviedo; Inez de Atienza e o índio Atahualpa. Somados a uma série de personagens fictícios, como o próprio narrador e sua mãe índia.

No fragmento seguinte, recortamos a apresentação dos irmãos Pizarro em *El País da Canela*: “Gonzalo Pizarro era el tercero de una familia de grandes ambiciosos. Buitres y halcones a la vez, sus hermanos Francisco, Hernando y Juan, con una avanzada de Hombres tan rudos como ellos, se habían bastado para destruir un imperio” (OSPINA, 2008, p. 89).

Sempre envolvidos, direta ou indiretamente nas narrativas, Francisco Pizarro, o mais terrível dos irmãos e, Gonzalo Pizarro, o mais jovem e que se lançou à procura da canela, são descritos na trilogia pelas condutas violentas e implacáveis que praticaram para alcançar a glória na América; o narrador apresenta as piores crueldades realizadas por eles como o massacre dos quatro mil índios na expedição fracassada aos caneleiros. Na descrição de Ursúa, o narrador atenta para todas as nuances da vida do personagem o qual, historicamente, não é descrito como um dos grandes conquistadores, ao contrário, como menciona Pizarro (2012), é citado como uma vítima de mais um dos terríveis conquistadores, Aguirre. O narrador, então, aponta as debilidades iniciais de um jovem em meio a um continente estranho. Em seguida, apresenta a obediência em recuperar as terras em conflitos para a coroa espanhola e enfatiza o romance com a mestiça Inês de Atienza, fato que pode ser entendido como a razão de não perceber a conspiração planejada pelos seus companheiros a qual culminou em seu assassinato. Seguindo as análises sobre as características do novo gênero latino na narrativa, partimos para a intertextualidade, o próximo elemento a ser apresentado.

Para discutir a intertextualidade observada na obra utilizaremos os conceitos de Linda Hutcheon (1991). Nesta perspectiva, a obra traz para dentro de si referências a textos históricos ou literários produzidos em momentos anteriores ao da produção, parodiando e incorporando ao discurso ficcional, produções que contribuem de alguma forma na construção dos romances, ou ainda: “una relación de copresencia entre dos o más textos, es decir, eidética y frecuentemente, como la presencia efectiva de un texto en otro.” (GENETTE, 1989, p.10). Percebemos nas descrições feitas na trilogia, uma relação direta com os relatos das crônicas de viagens e com a história disponível em tantos livros sobre o descobrimento e a conquista da América. (Kristeva)

Nos romances ospinianos existe menção às crônicas de viagens, como a de Gaspar de Carvajal citada anteriormente, a própria biografia de Ursúa e outros personagens históricos supracitados; à livros de história, o que fazem com que o leitor em certos momentos do romance, se questione estar se tratando exclusivamente de relatos históricos. É possível ainda, fazer uma alusão à polifonia de Bakhtin, expressa pelas múltiplas vozes que ecoam do texto. Um romance que tem como uma das temáticas principais as conquistas da Canela e de *El dorado*, mas que, no entanto, evoca outras histórias de conquistadores que fazem parte da teia que desencadeia no frustrado final da história. Os livros citados e o fragmento das obras.

Entonces fue cuando, de repente, se ofreció para ir en el bergantín en busca de víveres, explorando las tierras río abajo, con los hombres que pudieron



acomodarse en la nave. Era hábil para los idiomas, siempre se mostró capaz de aprenderlos al vuelo, y había oído a los indios comentar que en las selvas de abajo había una gran laguna con mucho alimento y poblaciones ricas, y que si las alcanzábamos estaríamos salvados. (OSPINA, 2008, p.122)

Após a descoberta de Pizarro e Orellana da não existência do país da canela e dada a situação crítica que se alastrava pela falta de comida, como fora citado acima, foi construído um novo barco e Orellana se ofereceu para ir buscar ajuda. O fragmento supracitado foi retirado do texto ficcional e, o seguinte, do documento histórico como comprovação da intertextualidade.

Y el capitán Orellana, viendo lo que pasaba y la gran necesidad en que todos estaban y que había perdido todo cuanto tenía, le pareció que no cumplían con sus honras dar la vuelta sobre tanta pérdida, y así se fue al dicho gobernador y le dijo cómo el determinaba de dejar lo poco que allí tenía y seguir el río abajo, y que, si la ventura le favoreciese en que cerca hallase poblado y comida con que todos se pudiesen remediar, que él se lo haría saber, y que, si viese que se tardaba, que no hiciese cuenta de él y que, entre tanto, que se retrajese atrás donde hubiese comida, y que allí le esperase tres o cuatro días o el tiempo que le pareciese, y que si no viniese que no hiciese cuenta de él, y con esto el dicho gobernador le dijo que hiciese lo que le pareciese. (CARVAJAL, 2011, p. 11)

Visando o dialogo estabelecido entre as duas obras, partindo da ficcional e culminando com a histórica, identificamos as marcas da intertextualidade. Nos dois relatos há a descrição de como Orellana e Pizarro se separam, o que dá início ao outro ponto de destaque de *El país de la Canela*: a descoberta do rio das Amazonas. E as narrativas seguem assim:

Y así el capitán Orellana tomó consigo 57 hombres, con los cuales se metió en el barco ya dicho y en ciertas canoas que a los indios se habían tomado, y comenzó a seguir en río abajo con propósito de luego dar la vuelta si comida se hallase, lo cual salió al contrario de cómo todos pensábamos, porque no hallamos comida en doscientas leguas ni nosotros la hallábamos, de cuya causa padecemos muy gran necesidad, como adelante se dirá, y así íbamos caminando suplicando a Nuestro Señor tuviese por bien de nos encaminar en aquella jornada de manera que pudiésemos volver a nuestros compañeros. (CARVAJAL, 2008, p. 12)

No fragmento citado da crônica, Frei Gaspar de Carvajal relata que Orellana já havia deixado Pizarro e partido em busca de ajuda no barco recém construído e, no fragmento abaixo, há a continuação da história retirada do romance.

Quizás en ese momento pudimos haber regresado, pero ya la corriente era muy fuerte, nuestras fuerzas muy pocas, y aún no teníamos nada que ofrecer a los que abandonamos. Volver era más peligroso, y sobre todo inútil, de modo que

escogimos de dos males el menor, y tomamos la decisión de seguir descendiendo, hasta ver si la suerte se apiadaba de nosotros. (OSPINA, 2008, p. 132)

A missão de buscar auxílio não saiu como esperado e, Orellana e seus tripulantes ficavam cada vez mais fracos, distantes e sem forças para voltar. Os dois relatos da história estão presentes na íntegra pela crônica, com seu caráter de veracidade e no romance, de forma ficcionalizada, retomando o que Houtcheou (1991) afirmou acerca da incapacidade de autenticidade de um texto, uma vez que a cada nova produção histórica ou fictícia, sempre haverá uma ligação com outros textos já produzidos anteriormente.

Outro ponto de intertextualidade é a citação de obras cronísticas ao longo do romance: em dado momento o narrador afirma que “algunas de las historias que contaron sobre las amazonas alimentaron el relato que después recogió fray Gazpar em su crónica” (OSPINA, 2008, p.194), em clara alusão ao documento historiográfico e nas páginas seguintes à duas obras de Gonzalo Fernandez de Oviedo, a saber: *El libro del muy esforzado e invencible caballero de fortuna propriamente llamado don Claribalte* (1519) e *Historia General y Natural de las Índias*.

A narrativa, então, apresenta perspectivas e olhares distintos. Deste modo, temos a memória de um herói esquecido historicamente, apesar de seu desempenho eficaz em recobrar territórios coloniais, assumindo o papel de protagonista em *Ursúa* (2005) e *La serpiente sin ojos* (2012), descrito por meio das lembranças de um velho amigo narrador que, ao apresentar toda a sua trajetória, é como se devolvesse um pouco do reconhecimento que lhe foi negado ao longo dos séculos pelos relatos oficiais. Este reconhecimento reflete toda a América, sempre exposta pelo olhar dominador do colonizador, assim tida historicamente como inferior, tratando-se dos índios, mestiços e negros. A narrativa rompe com o cânone literário pré-estabelecido porque apresenta a voz de um nativo mestiço, que não apenas devolve a visibilidade a Pedro de Ursúa, como também é a própria voz dos mestiços que, por sua condição de filho de índia com espanhol não compartilhava da limpeza de sangue e do pensamento disseminado pelo discurso do conquistador, não dava voz a esta raça, depois classificada como classe inferior, subalternizada sem direito a escuta.

### **CAPÍTULO III - ANÁLISE DE *EL PAÍS DE LA CANELA* E SUA RELAÇÃO COM AS MEMÓRIAS DE UM PASSADO PRESENTE.**

Neste capítulo de análise nos aprofundaremos em alguns aspectos que em nossa observação merecem um olhar profundo e crítico. Como vem sendo apresentado desde o primeiro capítulo, para o estudo de *El país de La Canela* há a necessidade de perpassarmos os campos da história, uma vez que, o livro foi escrito tendo como base documentos históricos do período de exploração das terras americanas pelos espanhóis no século XVI, desta forma compreender que nem sempre a história conseguiu representar de forma satisfatória todos os envolvidos em um período histórico, faz-se necessário.

Como criticou Walter Benjamin (1985), um historiador realiza com louvor seu trabalho quando ultrapassa o discurso padrão que sempre retrata a história pela ótica do vencedor, passando a ampliar os horizontes na busca dos rastros e dos vestígios dos derrotados. A história, como campo do saber, cumpre seu propósito quando recupera o esquecido, o marginalizado, aquele que participou da construção do fato, mas que foi deixado à margem do discurso oficial.

Durante muito tempo se discutiu a relação da história com a literatura e da mesma forma observou-se que por longos séculos que estas ciências permaneciam unidas, uma vez que mantiveram em comum seus objetos de investigação. O estudioso Milton (ANO) deixou claro que, mesmo depois de separadas e de sua transformação em campos distintos do conhecimento, as duas ciências mantiveram laços de proximidade diferenciando-se apenas pela forma como cada área atua sobre o fato histórico. Em suas análises, como mencionado no capítulo I, o estudioso supracitado concluiu que ambas se diferenciam no seguinte aspecto: a história aborda dado acontecimento visando a construção de um relato o mais próximo possível da realidade e do verídico, em contrapartida, a literatura (representada pelo NRH neste trabalho) se vale do fato, de forma a construir um discurso pautado na verossimilhança e na liberdade, de se valer das possibilidades de recriação dos mesmos.

Assim, observamos a obra *corpus* desta investigação reconhecendo as bases históricas que também são o suporte do NRH como ponto de partida para a representação do discurso historiográfico. Atividade esta que não se realiza sem outro elemento indispensável para a manutenção da história, a saber: a memória. Esta ferramenta que é bem mais antiga que a história, na verdade, é o meio que possibilita que a eternizemos.

Essa memória, como afirma Halbwachs (2004), perpassa a individualidade de cada ser que, por si diante do mundo, vai absorvendo tais conhecimentos, mas que não é possível que este indivíduo aprenda se não estiver em constante interação com o grupo social onde esteja inserido, deste modo, no *País da Canela* observamos que há uma teia que interliga cada um

destes elementos para que se materialize a representação do período da usurpação da América. A memória é o primeiro elemento e o principal para que se eternize dado acontecimento e/ou período da história, ela tem como grande marca fazer permanecer apenas aqueles fatos que mais tocaram um povo, seja vivenciado por um herói, ou ainda por vários envolvidos, em dado acontecimento. Assim, temos a construção e a disseminação da memória histórica. A disseminação das lembranças de acontecimentos que marcaram, ora de forma positiva ora de forma negativa, a existência de um povo ou de nação.

Dadas as devidas esclarecimentos chegamos à representação destes acontecimentos pela literatura histórica, melhor dito pelo NRH, o qual tem como principal marca característica o questionamento das verdades históricas e a possibilidade de recriar de forma crítica e desconstrucionista heróis e fatos já conhecidos.

Assim, o romance grita a voz dos esquecidos, daqueles que foram deixados à margem, dos humilhados, dos derrotados. Eis os elementos que usaremos a partir de agora para analisar, com um olhar profundo e crítico, a construção dos personagens de *El país de La canela*.

### 3.1 A Memória, uma marca do passado utópico

*Hay días en que vuelvo a recordar el País de la Canela, porque de tanto pensar en él, de tanto buscarlo, es como si hubiera estado allí.* (OSPINA, 2008, p 281)

O fragmento supracitado inicia o último capítulo do romance e finaliza as memórias sobre o utópico país idealizado por Gonzalo Pizarro, Francisco Orellana, o narrador e demais tripulantes. A permanência da ideia deste lugar nos remete ao conceito de memória segundo o qual esta “parece referir-se a uma persistência, a uma realidade de alguma forma intacta e contínua” (ROSSI, 2010, p. 15), assim, o País da Canela e a busca por *El dorado*, descritas no romance, permanecem como marcas permanentes do passado, intactas e constantes nas memórias do narrador e dos companheiros de viagem. Uma realidade perseguida e idealizada por todos: o sonho de conquista e a perdição de muitos. O utópico país traria em abundância a iguaria: “Un país entero com toda la canela del mundo” (OSPINA, 2008, p. 55). O olhar do usurpador se lança a uma nova preciosidade, ouro e prata deixam de ser os focos das expedições, pois o comércio da planta seria a fonte de lucro e reconhecimento, assim como a imortalidade para os envolvidos no achado.

A permanência da memória destes lugares utópicos perpassa a sociedade colonial dos anos fundacionais, ainda que não tenham encontrado a planta, “o mito do País da Canela havia

se evaporado, mas pelas condições que marcaram a expedição reforçaram-se os mitos das *Amazonas* e do *El dorado*.” (Heufemann-Barría, 2012, p.150). Apesar da expedição não ter alcançado o propósito esperado, contribuiu para que a crença e busca por outros reinos seguisse viva no grupo social.

[...] a memória coletiva tira sua força e sua duração do fato de ter por suporte um conjunto de homens, não obstante eles são indivíduos que se lembram, enquanto membros do grupo. Dessa massa de lembranças comuns, e que se apoiam uma sobre outra, não são as mesmas que aparecerão com mais intensidade para cada um deles. Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios. (HALBWACHS, 1990, p. 90)

A cada regresso das expedições, por mais que não alcançassem o objetivo desejado, servia como inspiração e instigava a imaginação de novos marinheiros dispostos a se lançar ao mar devido às memórias individuais das possíveis aventuras vivenciadas e dos fantásticos enfrentamentos com seres mitológicos. O que observamos no seguinte trecho “yo me sentía orgulloso de ser el portador de la carta cuyo contenido conocía bien, porque Gonzalo Fernández de Oviedo recogió en ella las noticias del hallazgo de la selva y del río. [...] No llevaba al Viejo Mundo sólo la memoria de mis aventuras sino una crónica escrita por el mayor testigo de aquel tiempo” (OSPINA, 2008, p.233)

No fragmento citado o narrador demonstra o próprio entusiasmo em apresentar uma carta escrita pelo cronista Gonzalo Fernández de Oviedo a Espanha narrando os achados da expedição da canela, não era apenas uma simples carta mais uma crônica que revela os feitos daqueles homens. O fragmento é interessante pois demonstra como se construiu o discurso sobre as viagens, inclusive as fracassadas como essa, e ao mesmo tempo também deixa evidente como a cada novo retorno as histórias serviam como fonte de inspiração para outros aventureiros.

Assim, essas memórias individuais transmitidas ao coletivo vão se transformando e ao mesmo tempo assumindo a forma em que o grupo social passa a se vê representado e vai se configurando como parte da cultura e história deste povo. Neste caso, o cenário é completamente novo e está em constante transformação possibilitando que essas memórias colaborem na constituição da identidade da América.

Em suma, na obra a representatividade das expedições rumo a lugares fantásticos, da busca por reinos inóspitos e do confronto com seres lendários são as memórias de destaque que

compartilha o narrador com Ursúa e, ao mesmo tempo, é o meio como demonstra seu olhar de encantamento e, também, sobre o qual se constrói suas duras críticas sobre as posturas assumidas pelos envolvidos, seja dos conflitos entre índios com conquistadores, seja dos confrontos conquistador verso conquistador.

Deste modo, se consolida também a memória coletiva sobre o mítico reino das *Amazonas* e o *El dorado*; a perspectiva das memórias parte da observância de um indivíduo que as porta, no entanto, não há como desligá-lo do meio social onde está inserido, assim, cada integrante do grupo contribuirá para a exposição das memórias que se tornam relevantes ao todo e, o narrador, como o transmissor dessas memórias, termina por absorver todas as lembranças dos envolvidos em seu contexto para representá-las de forma ampla e contundente na narrativa.

De acordo com o exposto, estamos diante do foco de um narrador que apresenta as suas visões particulares sobre o fato histórico e termina por externar as marcas das memórias de todos os envolvidos, transmitindo as crenças, as condutas tidas como adequadas para a posição de cada indivíduo na constituição da nova sociedade que, ao mesmo tempo, segue o modelo organizacional europeu.

Para entendermos melhor as peculiaridades dessas histórias e como se deu a relação entre personagens históricos com propósitos tão particulares, como a busca pelo *País da Canela* por Gonzalo Pizarro, ou a descoberta do maior rio da região: o Amazonas, por Francisco Orellana, ou ainda, a busca pelo *El dorado*, por Pedro de Ursúa. A narrativa propicia um olhar sobre as memórias destes lugares e reinos místicos que os conquistadores acreditavam existir na América.

O romance, como o próprio título deixa evidente, trata das aventuras de Orellana e Pizarro rumo ao lendário país da canela - “uma especiaria das mais demandadas e caras no mercado europeu, cujo comércio produzia grandes ganhos. Era também um produto caro de luxo no Ocidente.” (HEUFEMANN-BARRÍA, 2012, p.148). Assim como os metais preciosos extraídos do continente, a planta em grande quantidade era sinônimo de grandes fortunas. Considerando o mencionado anteriormente, Gonzalo Pizarro, o mais jovem dos irmãos, ouve sobre o vegetal e decide partir para a conquista da região.

Nas memórias do narrador, Gonzalo Pizarro ouviu de um índio o relato da existência de árvores de canela na região e, a partir desse momento, o espanhol começou a alimentar a ideia da existência deste “mítico País da Canela, lugar onde esta espécie se encontraria com prodigalidade”. (PIZARRO, 2012, p. 42). De acordo com os relatos, “estaria situado atrás das grandes montanhas, o que hoje conhecemos como Cordilheira dos Andes” (PIZARRO, 2012,

p. 42). Assim se estabeleceu a crença na existência do lugar; o narrador apresenta como chegou a Pizarro a notícia das terras:

Fue en las terrazas del Quzco donde Gonzalo Pizarro oyó por primera vez hablar del País de la Canela. Él tenía como todos la esperanza de que hubiera canela en el Nuevo Mundo, y cuando pudo dio a probar a los indios bebidas con canela, para ver si la reconocían. Un día, indios de la cordillera le contaron que al norte, más allá de los montes nevados de Quito, girando hacia el este por las montañas y descendiendo detrás de los riscos de hielo, había bosques que tenían canela en abundancia. Sé que los indios no pudieron haber descrito todo con exactitud, porque las dificultades de comunicación eran muchas, pero Pizarro adivinó las arboledas rojas de árboles leñosos y perfumados, un país entero con toda la canela del mundo, la comarca más rica que alguien pudiera imaginar. (OSPINA, 2008, p. 54-55)

E então, o narrador descreve como Pizarro, apesar de todas as dificuldades de comunicação com os indígenas, passa a alimentar a ideia da existência de um país inteiro de Canela, na realidade, os indígenas apenas confirmaram que havia árvores daquela planta na região, mas não um reino repleto da mesma. A partir desse momento, Pizarro decide se tornar o conquistador da suposta área da iguaria. O mais jovem dos irmãos, seguido por Orellana, organizou a busca pela região, reuniu homens, mantimentos e índios que ajudariam no transporte dos suprimentos e orientariam os espanhóis até a terra da iguaria: “Y así salimos a buscar el País de la Canela. Los cien jinetes ansiosos y crueles que remontaron la sierra, los ciento cuarenta peones acorazados que caminábamos atrás, los millares de indios de las montañas que cargaban en fardos las sogas, las hanchas, las palas, las demás herramientas y las armas” (OSPINA, 2008, p.74). O relato da aventura segue com o narrador afirmando que “soportamos primero el frío de los montes nevados” (OSPINA, 2008, p.76) e o reflexo disso foi que “El hielo y el páramo habían matado más de cien indios” a pesar do ocorrido “Pizarro dio la orden de avanzar y no contar los muertos, afirmando que el camino sería menos riguroso con los cristianos” (OSPINA, 2008, p.79).

A expedição foi um fracasso, quando chegaram ao lugar havia apenas umas poucas árvores de Canela. O narrador segue com as memórias sobre a revolta de Pizarro, o qual decide punir os índios acusando-os de mentirosos: “Pizarro no empezó a matar a los perros para alimentar a los indios sino empezó a matar a los indios para alimentar a los perros” (OSPINA, 2008, p. 100). A atitude do capitão foi de extrema violência decidiu se vingar pela inexistência do lugar matando a maior quantidade possível de índios. No fragmento seguinte temos o relato de como matou um número muito elevado de indígenas como punição pela frustração da viagem: “De los cuatro mil indios que habían salido con nosotros en aquella campaña, una parte

se la entregó a los perros, y a muchos otros los quemó junto a los falsos caneleros que hallaron” (OSPINA, 2008, p. 102). De quatro mil índios restaram vivos apenas uns poucos que conseguiam se comunicar com os espanhóis usados para carregar os mantimentos da viagem de regresso.

Conforme as explanações, o fim da busca pelo *País da Canela* frustrou todos os envolvidos na viagem, ainda que o relato do massacre dos índios seja citado na história geral, permaneceu até o final do romance como uma dúvida aos que não estiveram presentes, melhor dito, não se deu tanta relevância ao tema. O narrador relatando suas aventuras aos espanhóis se surpreende pois, “No les interesaba la canela, no les interesaba la expedición com sus miles de índios y llamas” o que chamou atenção destes homens foi “sólo les interesaba las amazonas”. (OSPINA, 2008, p. 248) Ou seja, pouco importava o destino dos índios, não era importante lembrar das almas sacrificadas diante do feito de encontrar as *Amazonas*.

Como afirma Heufemann-Barría (2012), apesar de não existir o reino da planta, as memórias sobre o mito das *Amazonas* e *El dorado* acabaram sendo intensificados, ou seja, o retorno do inexistente país da Canela reacendeu as crenças na existência de um reino de ouro e no povo das mulheres guerreiras.

O romance perpassa por esses temas ao apresentar Ursúa como realizador da expedição rumo a *El dorado*, seu principal objetivo na América. E, ao realizarem a busca da canela, Orellana e Pizarro se separaram na tentativa de encontrar alimentos e remédios e, Frei Gaspar de Carvajal, o qual seguiu viagem com Orellana, torna-se o primeiro testemunho em afirmar ter visto a tribo guerreira das Amazonas - “(...) pela primeira e única vez elas foram vistas, adquirindo, dessa maneira, uma aparência de veracidade que antes não tinham.” (Heufemann-Barría, 2015, p.154).

Heufemann-Barría (2012) aponta que a origem do termo “Amazonas” é bem mais antiga que a América e não há como definir, com exatidão, o surgimento do mito das mulheres guerreiras, possivelmente as gregas, são citadas na *Ilíada* por Homero, nos volumes II, III e VI; na obra elas viveriam no mar Egeu, na ilha de Lemos. Segundo a autora, posteriormente Heródoto, historiador grego, “narra o mito da existência de tribos guerreiras de mulheres conhecidas com o nome de Amazonas, que supõe oriundas do Cáucaso e que chegaram um povo guerreiro na Ásia Menor.” (HEUFEMANN-BARRÍA, 2012, p. 150-151). O termo Amazonas é advindo do latim *Amazon-onis*:



significa sem peitos, por supor que cortavam, queimavam ou comprimiam o seio direito das guerreiras para que pudessem usar com maior facilidade o arco e a flecha, sua principal arma de guerra.

Dos esporádicos encontros com seus vizinhos, resultavam nascimentos. Segundo consta na literatura, se o recém-nascido era homem era entregue ao pai ou morto; e se mulher, criada pela mãe como futura guerreira, desenvolvendo nela o espírito belicoso para estar sempre pronta para a luta. (HEUFEMANN-BARRÍA, 2012, p.151).

Os relatos sobre as mulheres guerreiras seguem em várias partes do mundo e são memórias bem mais antigas que a própria história da América. Como vimos, Herodoto em seus *Nueve libros de la Historia* já descrevia esse povo. O mito ganhou um terreno propício na região, uma vez que sempre estava associado a lugares distantes, próximo ao mar. A América, séculos depois, se torna o cenário perfeito para a aplicação da memória do mito das *Amazonas*. Hernán Cortés é o primeiro que busca estas mulheres no Novo Mundo e as descreve por meio das cartas que envia ao rei Carlos I.

[...] uma ilha toda povoada por mulheres, sem nenhum varão, e que, de tempos em tempos, alguns homens da terra firme vão a ilha, coabitam com as mulheres, e as que engravidam, se dão à luz mulheres são guardadas, e se homens, são apartados de sua companhia, e que esta ilha está há dez dias desta província, e que muitos deles já foram lá e a viram. Dizem ainda que é muito rica em pérolas e ouro; (CORTÉS, 2010, p. 232).

No fragmento acima, Cortés conta o que ouviu sobre essas mulheres, depois, o cronista Gonzalo Fernandes de Oviedo em *Historia general y natural de las índias* (1855) também escreve sobre elas, partindo de relatos que escutou de Orellana e, posteriormente, Frei Gaspar de Carvajal afirma, em *Descubrimiento del río de las Amazonas*, tê-las visto, além de descrever como foi o enfrentamento às margens do Amazonas entre espanhóis e mulheres guerreiras.

[...] que éstas vimos nosotros, que andaban peleando delante de todos los indios como capitanas, y peleaban ellas tan animosamente que los indios no osaban volver las espaldas y, al que las volvía, delante de nosotros le mataban a palos. Y esta es la causa por donde los indios se defendían tanto. Estas mujeres son muy blancas y altas, y tienen muy largo el cabello y entrenzado y revuelto a la cabeza y son muy membrudas y andan desnudas en cuero, tapadas sus vergüenzas, con sus arcos y flechas en las manos haciendo tanta guerra como diez indios, y en verdad que hubo mujer destas que metió un palmo de flecha por unos de los bergantines y otras qué menos, que parecían nuestros bergantines puerco espín. (CARVAJAL, 2011, p.52).

No fragmento acima, temos a descrição do frei Gaspar de Carvajal em sua crônica sobre o rio. Semelhante descrição também é encontrada nas aventuras do romance analisado: o narrador tripulante de Orellana, após se separarem da expedição fracassada de Pizarro, descreve

como se deu o encontro com as *Amazonas*, depois de tanto tempo ao mar e sem nenhum dos tripulantes terem contato com mulheres a mais de dez meses.

Un día, uno de los indios que capturamos en una guasábara nos dijo que los largos pueblos de lar ibera eran tributarios de un gran señorío enclavado varias leguas selva adentro. [...] Pero cuando Orellana, como era su costumbre, preguntó quién era el señor de ese reino al que todos parecían temer tanto, el nativo nos dijo que no era un señor sino una reina, que aquel país era el señorío de las mujeres guerreras. (OSPINA, 2008, p. 182).

A princípio, todos pensam se tratar de um reino de homens, pois o respeito dos índios para com aquele povo demonstrava também certo medo. Surpreso, o capitão não esperava como resposta que na verdade o rei era uma rainha. No dia seguinte, “en la orilla derecha del río había un grupo de mujeres desnudas” o que chama atenção dos tripulantes. “En esa misma tarde las vimos de nuevo, armadas y feroces, en la orilla del río: eran altas y de piel más clara que los indios que nos habían acogido” (OSPINA, 2008, p. 183).

Importa esclarecer a proximidade das memórias clássicas das Amazonas descritas em *Ilíada*, de Homero e, posteriormente por Heródoto, com os traços característicos e aplicados às mulheres encontradas no Novo Mundo. Deste modo, observamos uma aplicação da memória histórica das Amazonas clássicas no novo continente; o grande diferencial está que tanto na crônica quanto no romance os narradores descrevem o contato direto com as mulheres guerreiras, há, portanto, a presença do testemunho que dá veracidade ao relato, neste sentido, elas deixam de compor a utopia para se tornarem reais.

Um detalhe chamou a atenção com relação à descrição das Amazonas americanas: “Solo ignoraba, pero yo también, si las Amazonas que vio nuestra expedición eran de la misma raza que vio Aquiles” (OSPINA, 2008, p.223-224). No fragmento, o narrador está conversando com Gonzalo Fernandez de Oviedo e o cronista é quem levanta a dúvida sobre a raça das Amazonas americanas. A afirmativa demonstra o olhar de inferioridade direcionado às guerreiras latinas: sua raça seria a mesma? O olhar do conquistador apresentado no fragmento é a prova de que não importava o quanto era difícil sobreviver e conquistar esse lugar, ao final e quando havia alguns sobreviventes como no relato de Carvajal essas figuras recebiam o título de “heróis da conquista”, em detrimento da “fraqueza” das raças desse lugar, ou seja, todas sofreram com o desmerecimento da cultura e, conseqüentemente, foram diminuídos, como também inferiorizados: índios, mestiços, Amazonas, estas últimas não eram da iguais as europeias e por essa razão esses homens sobreviveram apesar de seus barcos estarem crivados de lanças destas mulheres, se fossem as clássicas Amazonas não teriam sobrevivido.

Seguindo na linha da apresentação das memórias do utópico, o romance perpassa outro mito característico da América, a incessante busca por *El dorado*. De acordo com Heufemann-Barría (2012), não há relatos sobre o tema antes do período da conquista, a lenda conta a história do cacique da lagoa de Guatavita, na atual Colômbia, o qual:

[...] realizava uma cerimônia onde era banhado em terebintina e logo coberto com ouro em pó, assemelhando-se a uma estátua dourada. Sentado em um trono, feito de ouro pelos ourives da aldeia, era levado até a lagoa por seus súditos. Levava no peito uma medalha de ouro incrustada de esmeraldas. A coroa, o enfeite do nariz, os braceletes e grandes brincos eram todos do mesmo metal. (HEUFEMANN-BARRÍA, 2012, p. 167).

A cerimônia terminava com a oferenda de ouro e esmeraldas a Guahioque, divindade chibcha. Este ritual se tornou conhecido pelos espanhóis que, de imediato, demonstraram total interesse em encontrar o que posteriormente recebeu o nome de *El dorado*.

A inusitada convergência provocada pela mesma notícia fez com que a fama do índio chibcha se estendesse pelo continente, dando origem à lenda do homem dourado ou simplesmente *El dorado*, tão conhecida entre os conquistadores, cuja figura foi procurada incessantemente por diferentes expedições, ao longo dos séculos, desde o trópico até o Chile, passando pelo Brasil. Era uma verdadeira obsessão, e as expedições fracassadas, ao invés de desestimulá-los, parecia que fazia ressurgir a sede do ouro com maior intensidade: bastava um rumor para que iniciassem uma busca desenfreada, e novas expedições se organizavam. A atração que exercia a história do cacique movimentava os homens, que enfrentavam as grandes montanhas, os caudalosos rios, doenças e perigosos animais. No entanto, *El dorado*, ou *Eldorado* como veio se escrever, sempre estava além deles. (HEUFEMANN-BARRÍA, 2012, p. 169).

No romance, o narrador apresenta os primeiros indícios sobre um lugar onde haveria ouro em abundância na expedição realizada por Balboa. Segundo a descrição, após invadirem muitas aldeias, se apropriarem e destruírem povos e culturas, um índio, revoltado com a excessiva cobiça dos espanhóis diante da destruição provocada, afirma conhecer um lugar capaz de satisfazer a ânsia dos conquistadores.

El joven indio dijo en su ira que si lo que querían era oro, y sí estaban dispuestos a afrontar tantas penalidades y obrar tantas destrucciones sólo para encontrarlo, él podía señalarle un reino donde había tanto, que no sólo las ciudades eran de oro sino los canales por los que corría el agua, las vasijas en que se servían el condumio y hasta las sillas donde se sentaban los muertos. (OSPINA, 2008, p.39).

A busca por *El dorado* termina sem sucesso, como nos apresenta o narrador nas páginas seguintes, o fragmento citado faz parte do diálogo que o personagem realiza com Ursúa ao

rememorar suas vivências frustradas na tentativa de fazer com que o espanhol desistisse de realizar outra busca, a qual ele já previa o final. Posteriormente, em *La serpiente sin ojos* (2012) há a narrativa da expedição de Pedro de Ursúa que em:

su enorme ambición: busca El Dorado, lugar mítico que aspira encontrar y que supone se encuentra en lo más profundo del Amazonas. Ursúa fantasea con ser su rey, se ve como fundador de ciudades, se imagina luchando contra mujeres guerreras o, quizá, pactando con ellas un reino imposible en donde él es el dueño implacable, dominador de la selva y su río lleno de bichos, ruidos y fieras salvajes. (ARZATE-SALGADO, 2015, p. 117).

Diante disso, Ursúa foi atraído como tantos outros europeus para as desconhecidas terras americanas com o ideal de se tornar o grande conquistador do *El dorado*, semelhante aos demais aventureiros que se lançaram no continente, foi movido com as memórias alimentadas a cada nova expedição realizada. E decidiu lançar-se na busca pelo fantástico reino do homem dourado.

Na narrativa, observamos as distintas formas com que a memória em suas mais variadas formas é apresentada. Neste subcapítulo, optamos em discorrer sobre a apresentação das memórias dos mitos e utopias descritos na obra, as quais alimentaram buscas incessantes e provocaram os mais variados conflitos; busca que, ao contrário do que se podia imaginar, não desestimulou novas expedições à região. As novas memórias incorporadas ao imaginário local se ampliaram e estimularam as crenças e a procura, cada vez mais intensa, no território americano.

No subcapítulo seguinte, discutiremos mais detalhadamente as memórias sobre o estabelecimento das relações de poder dentro da sociedade colonial americana no período da conquista e, por consequência, buscaremos compreender como se deu a constituição das raças e a posição de cada uma delas na sociedade colonial.

### **3.2 Os dilemas de um narrador mestiço.**

A personagem principal de *El País de La Canela* é o narrador personagem mestiço, são as suas memórias que mantém viva a história do amigo e companheiro de viagem, Pedro de Ursúa, assim como as lembranças da violência para com os índios, para com as mulheres e para com os próprios mestiços, ainda que não seja o tema do livro. Vale ressaltar que o passado do governador Ursúa sobrevive ao longo dos anos devido às marcas inquietantes que influenciaram diretamente a vida do narrador. Melhor dito, as recordações da morte do amigo são fortes e impactantes, principalmente quando nos deparamos com a descrição das facas sendo cravadas

em seu peito, costa e, incessantemente, por vários de seus companheiros de viagem, em *La serpiente sin ojos* (2012), livro posterior ao *País de La Canela*. No entanto, fantástica é também a descrição das tribos indígenas, a riqueza da descrição das construções, assim como, da pequenez do homem diante da força da natureza, com ênfase à brutalidade dos envolvidos no processo; cada detalhe faz parte da memória do narrador que apesar de estar na velhice, retoma o passado e vive ainda sobre as lembranças de tais acontecimentos que deixaram marcas em sua existência e, conta para que não se percam no esquecimento.

Enfatizamos a perspectiva do narrador que se descobre mestiço mesmo tendo sido criado como espanhol “yo nacido en el orgullo de ser blanco y de ser español” (OSPIANA, 2008, p 12). Se apresenta assim, a memória desta investigação, os conflitos entre se reconhecer nas dores sofridas pelos índios nas massacrantes cenas de violências praticadas por Pizarro e, ao mesmo tempo, compartilhar das posturas dos espanhóis, dos benefícios deste grupo e assim buscar receber a herança do pai, nos levam a dois olhares distintos a serem discutidos adiante. Por ser o possuidor de todas as memórias do período, pelo menos daquelas que se mantiveram durante o presente da narrativa, quando se encontra já em idade elevada, são recuperadas as memórias de personagens “secundários”, inclusive o fato de ser este protagonista mestiço, o conduz a uma representatividade dos personagens que foram vencidos.

Diante disso, o romance apresenta alguns outros personagens que fogem aos padrões dos grandes heróis da conquista, há a perspectiva da mulher: mãe e índia, representando todas as índias que foram retiradas de suas tribos, arrancadas de seus filhos, maridos e submetidas às explorações físicas e sexuais “la violación de las vírgenes” (OSPINA, 2008, 9) pelos “cristãos” espanhóis. Há a representação crítica dos conquistadores, dos quais merece destaque Gonzalo Pizarro, o capitão da expedição que buscava encontrar o País da Canela e, do próprio Pedro de Ursúa, o qual na obra apenas ouve todas as histórias do narrador e, deste último, como representante de todos os mestiços.

Dadas as devidas esclarecimentos e ainda algumas definições sobre o conceito de raça e mestiço e dos papéis sociais dos indivíduos na sociedade colonial, os quais foram necessários para compreendermos como o romance de Ospina difere dos romances sobre o período colonial e como a relação memória e história são abordadas e corroboram na análise deste personagem, para isso, utilizaremos os estudos de Anibal Quijano (2005) e Maldonado-Torres (2007) para apresentar as definições de raça, imposição da cultura dominante, a subalternização e a inferiorização do outro. Deste modo, buscamos, nos estudos desses autores, as respostas para demonstrar a importância de um narrador mestiço nas obras, justificando como esse personagem se tornou o ponto de destaque para o desenvolvimento desta dissertação.

Anibal Quijano (2005), pesquisador contemporâneo das relações de colonialidade, raça e decolonialidade na América Latina, vem desenvolvendo ampla pesquisa na investigação acerca do estudo dos processos históricos de constituição da identidade em nosso continente. Perpassando os estudos culturais, nos quais se destacam com louvor Stuart Hall, abordando as discussões sobre identidade e, Homi Bhaba (2001), sobre definições de entre-lugar, chegamos ao crítico Quijano (2005), o qual se propõe investigar e teorizar sobre o processo de imposição da cultura dominante e do estabelecimento da relação entre colonizador e colonizado, apontando para como este processo reflete contemporaneamente nas relações sociais e literárias desenvolvidas na América, nos apresentando um percurso que está envolvido no romance: as relações sociais de imposição de cultura e crenças sobre os povos que já habitavam o continente.

Da mesma forma que foi necessário perpassar pelos campos da história e da memória histórica direcionadas à sua aplicação na literatura, buscamos nestes teóricos as ferramentas necessárias para compreender a construção e conduta deste personagem narrador mestiço. Isto nos levou a questionar, posteriormente, se de fato essa literatura contemporânea latino-americana, denominada de NRH neste trabalho rompe com as estruturas literárias canônicas do romance clássico.

Desta maneira, partimos do aporte teórico sobre as relações de raça e mestiçagem e da conduta do conquistador/usurpador e do conquistado/excluído de Quijano (2005), ao investigar sobre “ser mestiço”, para explicar a ênfase dada ao narrador deste romance. Encontramos nos estudos de Quijano, as definições que nos aproximam e apontam para a compreensão da origem do termo “raça”, seu contexto e sua aplicação dada desde então. Assim:

A idéia de raça, em seu sentido moderno, não tem história conhecida antes da América. Talvez se tenha originado como referência às diferenças fenotípicas entre conquistadores e conquistados, mas o que importa é que desde muito cedo foi construída como referência a supostas estruturas biológicas diferenciais entre esses grupos. (QUIJANO, 2005, p.117).

O pesquisador em suas análises aponta para o momento em que o termo “raça” começa a ser instaurado, tal qual passou a ser entendido e utilizado, como deixa transparecer o teórico, as diferenças dos grupos sociais por suas características físicas e biológicas são bem mais antigas que o descobrimento do Novo Mundo. Ao longo dos séculos já havia essa divisão dos povos quanto à raça, entretanto, não com a conotação de negatividade como passou a se estabelecer no continente, como uma forma imediata de realizar a imposição da cultura dominante sobre os não europeus. A América se tornou, neste sentido, o ponto de partida da distinção dos indivíduos pelas suas características físicas e biológicas, entre cor e raça.

[...] a codificação das diferenças entre conquistadores e conquistados na idéia de raça, ou seja, uma supostamente distinta estrutura biológica que situava a uns em situação natural de inferioridade em relação a outros. Essa idéia foi assumida pelos conquistadores como o principal elemento constitutivo, fundacional, das relações de dominação que a conquista exigia. Nessas bases, conseqüentemente, foi classificada a população da América, e mais tarde do mundo, nesse novo padrão de poder. (QUIJANO 2005 p.117).

Temos então, a consolidação da inferiorização do outro, uma imposição dos conquistadores que os qualificou como superiores moral, cultural e psicologicamente aos nativos americanos e, da mesma forma, as novas gerações mescladas que surgiram do contato; a definição se estende aos direitos e deveres de cada raça na sociedade colonial onde os conquistadores europeus sempre estiveram no topo da classificação. Compreendemos, assim, a postura dos espanhóis comandados por Pizarro ao não se importarem com tamanha exploração a qual submeteram os índios.

As noções de superioridade e inferioridade foram constantemente utilizadas nas expedições em busca dos lugares fantásticos, como *El dorado* e o *País de la Canela* e passaram a servir como justificativa para a violência contra as tribos indígenas, como razão para escravizá-los e explorá-los, desenfreadamente, como se evidencia no seguinte fragmento: “resistíamos mejor la adversidad, no tenían la misma suerte los indios descalzos que iban quedando desnudos por las ráfagas de la intemperie, y los forzosamente abandonábamos, no siempre muertos, cuando sus cuerpos, como dijo Pizarro, se hacían inservibles” (OSPINA, 2008, p.106). Os índios sucumbiram na exposição de seus corpos, a variação climática e ao excesso de esforço físico a que foram submetidos e, quando já não conseguiam servir aos senhores espanhóis, foram deixados à própria sorte ou ainda abandonados para servirem alimento às feras da floresta.

A violência praticada contra índios, mulheres índias e a exclusão de mestiços e mulatos encontrou justificativa nesta classificação, “a formação de relações sociais fundadas nessa ideia, produziu na América identidades sociais historicamente novas: índios, negros e mestiços, e redefiniu outras”. (QUIJANO, 2005, 117). Segundo o pesquisador, denominações como as novas identidades sociais corroboraram no processo que depois se disseminou para o resto do mundo.

E na medida em que as relações sociais que se estavam configurando eram relações de dominação, tais identidades foram associadas às hierarquias, lugares e papéis sociais correspondentes, com constitutivas delas, e, conseqüentemente, ao padrão de dominação que se impunha. Em outras

palavras, raça e identidade racial foram estabelecidas como instrumentos de classificação social básica da população. (QUIJANO, 2005, p.117).

Tais relações foram usadas como justificativa para a violência praticada em terras americanas. Deste modo, ao observarmos a narrativa, é possível compreender a escolha do narrador em ocultar sua verdadeira identidade, e justifica-se devido a posição de inferioridade que essas identidades (índia e mestiça) foram classificadas, ou seja, se assumisse a identidade mestiça, o protagonista de *El país de la Canela* jamais receberia a herança do pai, uma vez que o sangue da mãe índia lhe “rebaixava”. Aos mestiços não eram concedidos tais direitos, na verdade, diante dessa observação inicial, compreendemos que a escolha de um mestiço para ser a voz que contém e apresenta tantas memórias do passado do continente, é a forma adotada por Ospina para contrapor essa imposição estabelecida a séculos e que se aplicou, inclusive, no discurso do romance sobre a conquista. Na obra temos uma quebra no discurso literário com a representação dos rejeitados e silenciados historicamente. É verdade que a personagem em questão não assume publicamente a sua condição, apenas a revela ao leitor, mas, sua memória é que dá vida a uma perspectiva do passado não apresentada, até então, pelo discurso historiográfico. Retomando o conceito de raça e sua relação com a obra e com o narrador, observamos na análise de Quijano que:

Desde então demonstrou ser o mais eficaz e durável instrumento de dominação social universal, pois dele passou a depender outro igualmente universal, no entanto mais antigo, o intersexual ou de gênero: os povos conquistados e dominados foram postos numa situação natural de inferioridade, e conseqüentemente também seus traços fenotípicos, bem como suas descobertas mentais e culturais. Desse modo, raça converteu-se no primeiro critério fundamental para a distribuição da população mundial nos níveis, lugares e papéis na estrutura de poder da nova sociedade. Em outras palavras, no modo básico de classificação social universal da população mundial. (QUIJANO, 2005, p. 118).

As relações de poder consolidadas pela imposição da classificação dos indivíduos em raças provocaram uma transformação nas relações sociais estabelecidas no novo continente onde cada indivíduo, por meio desta classificação, passa a ter um lugar determinado, assim como a desempenhar determinados papéis de acordo com sua raça. Para aclarar a explanação, demonstraremos, a seguir, os estudos de outro teórico que nos ajuda a comprovar o exposto.

Nuevas identidades fueron creadas en el contexto de la colonización europea en las Américas: europeo, blanco, indio, negro y mestizo, para nombrar sólo las más frecuentes y obvias. Un rasgo característico de este tipo de clasificación social consiste en que la relación entre sujetos no es horizontal sino vertical. Esto es, algunas identidades denotan superioridad sobre otras. Y



tal grado de superioridad se justifica en relación con los grados de humanidad atribuidos a las identidades en cuestión. En términos generales, entre más clara sea la piel de uno, más cerca se estará de representar el ideal de una humanidad completa. (MALDONADO-TORRES, 2007, p. 132).

Maldonado-Torres (2007) apresenta uma nova visão ao abordar a questão do nível de humanidade relacionado à cor da pele dos indivíduos; segundo o autor, peles mais claras indicavam, no período, maior humanidade, enquanto que peles mais escuras, o oposto. Assim, é possível darmos outro passo na análise da negação do narrador para com sua mãe índia, pois ao descobrir sua real origem, ele a rejeita, se afasta e afirma “mi madre verdadera era ella misma: la india de piel oscura” (OSPINA, 2008, p. 12), assim, notamos que um ar de desprezo aponta para a atitude adotada por ele. Em seguida, ele se afasta definitivamente da mãe índia, transformando-a em mera criada, em suas próprias palavras: “Yo no había tenido el corazón de apártala de mi casa, pero dejé que se replegara a la condición de sierva ya sin privilegios” (OSPINA, 2008, p.12); esta afirmação aponta para a condição de servidão destinada às índias, com o agravante de que Amaney, sua mãe índia, não teria mais nenhum privilégio, com isso, se torna evidente a posição vertical que foi se consolidando na sociedade colonial: índios são serviçais enquanto que espanhóis são patrões.

A partir da difusão dessa linha de pensamento, onde a pele mais escura é classificada como “menos humana”, a postura dos europeus diante de todas as outras raças de pele mais escura era a de que deveriam ser conquistadas, escravizadas e massacradas. O que se concretizou desde os primeiros contatos que geraram as guerras entre as tribos e os espanhóis, culminando com a memória sacralizada da derrota dos primeiros. E, ao observarmos outra vez os estudos de Maldonado-Torres (2007), relacionado ao pensamento medieval sobre os derrotados em guerra, observamos que os europeus aplicaram esse raciocínio para com os nativos denominados por eles de índios e aos africanos.

En el mundo antiguo y en el medioevo la esclavitud era legítima, particularmente con respecto a los vencidos en guerra. *Lo que ocurrió en las Américas no fue sólo la aplicación de esa ética, sino una transformación y naturalización de la no-ética de la guerra, llevada hasta el punto de producir una realidad definida por la condena.* El colonialismo moderno puede entenderse como condena o vida en el infierno, caracterizada por la naturalización de la esclavitud, ahora justificada en relación con la constitución biológica y ontológica de sujetos y pueblos, y no solamente por sus creencias. (MALDONADO-TORRES, 2007, p 137).

Assim, a imposição da escravidão, ainda que não seja um tema apresentado diretamente pelo romance, aos nativos derrotados nos conflitos com os europeus, foi natural pela perspectiva

européia, pois os derrotados em guerra mereciam ser tomados como escravos e servos, o que esta postura impôs aos nativos foi a condenação e, como o próprio Maldonado afirma no fragmento acima, a condenação a uma vida no inferno. Sua pele escura somada às derrotas nos confrontos armados lhes tornavam duas vezes mais inferiores aos espanhóis.

Desde entonces, en las relaciones intersubjetivas y en las prácticas sociales del poder, quedó formada, de una parte la idea de que los no-europeos tienen una estructura biológica, no solamente diferente de la de los europeos, sino, sobre todo, perteneciente a un tipo o a un nivel “inferior”. (MALDONADO-TORRES, 2007, p.138)

Tudo isso serve para explicar a postura de um narrador mestiço que tinha plena consciência das imposições de uma sociedade estabelecida pelas diferenças, onde a conduta do dominante se fez justificar pelas derrotas de tribos que não possuíam o armamento adequado para resistir à chegada dos conquistadores e, por sofrerem derrotas, lhes foi atribuída a escravidão e o estabelecimento do ideal de que as raças de cor mais escuras são, por natureza menos humanas e, portanto, passíveis de sacrifício e exploração.

Seguindo a cronologia de *El país de La Canela* (2008), uma análise inicial nos levou a observar que o personagem narrador passa por conflitos identitários, melhor dito, ao se deparar com a violência e brutalidade dos dominadores europeus para com os índios escravizados na busca pelo país da canela, o personagem estava passando por uma crise identitária, pois ele participa da expedição como espanhol, dado que não se revelou como mestiço oficialmente e, ao mesmo tempo, está diante do sofrimento de uma raça que em certo sentido também é a sua.

Por eso, aunque mis manos no mataron ni descuartizaron a ningún indio, yo me sentí tan responsable como Pizarro por aquella carnicería en la selva, y ni siquiera el hecho de ser el más joven de la expedición y el menos experimentado de todos me protegió del sabor amargo que llevé después en la boca por mucho tiempo, y del frío de vergüenza que sentí viajar en mis huesos. (OSPINA, 2008, p. 104).

O grande medo deste personagem se revela por meio dos relatos da violência a qual presenciou; a culpabilidade por não ter resistido, questionado ou defendido fez com que este sentimento se intensificasse. A autocrítica diante da memória da própria postura revela como se sentiu responsável por não evitar tamanha crueldade: “[...] yo fui uno de los muchos indignos que aceptaron en silencio la infamia. Sé que en esos días he debido morir, sé que el amor que me había brindado una india de las Antillas exigía que yo me opusiera también a aquel holocausto, pero cerré los ojos anhelando despertar en la Española” (OSPINA, 2008, p. 103-104). Mesmo tendo a possibilidade de contestar, opta pelo silêncio, oculta de todas as formas

sua mestiçagem e, como consequência da omissão, o personagem carregou por anos o sentimento de culpa.

As reflexões de quem se escondeu atrás de um personagem, se tornam a razão de sua inquietação, ele sabe de sua verdadeira origem, reconhece o carinho que recebeu da mãe índia e se critica por estar participando daquele holocausto como se os atos praticados fossem naturais. Era impossível não se sensibilizar diante dos acontecimentos e as memórias da violência que presenciou se transformam na razão para ter se negado a participar de outra viagem com aquelas características.

Yo he visto todas las cosas horribles, pero esa imagen fue suficiente para llenar muchos sueños de aquellos días, y allí sentí por primera vez una fatiga insoportable, un malestar de tener cuerpo, de no poder detener la locura, de estar sin remedio donde estaba, viendo lo que veía, porque todos estábamos atrapados en una cárcel de árboles y de agua, rodeados de bestias y a la vez obligados a serlo, coonestando con todas las demencias en el vago proyecto de sobrevivir. (OSPINA, 2008, p. 102).

A pesar da identificação com os índios, o narrador não assume uma postura radical, ao contrário, mesmo assustado e emocionalmente tocado ao presenciar tamanha crueldade, se mantém neutro. Torna-se perceptível então, que o narrador se transforma em mais uma das vítimas, por sua incapacidade de reagir, o que nos conduz a outra reflexão: ele se encontra no “entre-lugar”, termo usado por Homi Babha (2001) para se referir ao estado de não pertencimento a nenhum dos dois lados, ou ainda a um estado de identificar-se com ambos, uma vez que, não é mais espanhol, pois tem a mescla no sangue e, neste sentido, não concorda com tamanha violência e, ao mesmo tempo, tão pouco se aceita como índio, já que tal autoafirmação impunha o preconceito, a rejeição, que a condição de mestiço trazia consigo e a inferioridade.

Esse personagem provocou ainda uma segunda possibilidade de interpretação quanto à sua origem. Na narrativa não há a revelação de sua mestiçagem, ou seja, ele não se assume mestiço a ninguém, apenas ao relatar sua trajetória pessoal a Ursúa, faz essa revelação. Portanto, oficialmente, na busca pelo País da Canela e, posteriormente, na velhice na busca por *El dorado*, o personagem participou como espanhol, ocultando a mistura sanguínea.

Sendo assim, não se configura, a nível de narrativa, uma real ruptura quanto ao padrão literário do romance tradicional, a voz permanece sendo a de um espanhol, o que aponta uma estratégia adotada pelo autor ao revelar que o narrador é mestiço, em contrapartida não se oficializa como tal, mas que ao mesmo tempo provoca a reflexão quanto ao papel de cada um destes indivíduos que compõem a sociedade colonial em meados do século XVI.

O grande ponto de destaque da narrativa se encontra justamente nesta figura, que se revela e, ao mesmo tempo se esconde, tal qual a autora Gagnebin (2006) afirma sobre os conceitos de rastros, é a memória da presença de uma ausência que se faz presente. O discurso do personagem é construído ora como se sentindo espanhol, usufruindo dos privilégios destes, ora se torna reflexivo e crítico, pois não se exime de relatar com insatisfação, aponta uma profunda tristeza e revolta silenciosa, ao presenciar as cenas de crueldade. A personagem flutua pelo campo oferecido pela mestiçagem psicologicamente, consegue ter claro um posicionamento crítico ainda que não o realize na prática, pois desta forma, ela também se transformaria em mais um destes subalternos, utilizados como degraus no processo de aculturação da América pelos moldes europeus.

Assumindo essa postura, o narrador consegue tornar claro um olhar profundo sobre a condição dos outros inferiorizados no período colonial, índios, mulheres, mestiços e até sobre os próprios conquistadores e tece suas críticas quanto à postura destes últimos. Outro ponto de semelhança entre esses personagens, a ser discutido neste capítulo, diz respeito ao esquecimento e a derrota, a qual dedicaremos um olhar especial. Partimos das observações sobre todos os inferiorizados escolhidos como meios de dar representatividade a um grupo maior ao qual pertencem.

A segunda perspectiva de inferiorização do outro no processo de imposição da cultura europeia está representada pelos indígenas. A violência a qual foram submetidos demonstra que “la actitud imperial promueve una actitud fundamentalmente genocida con respecto a sujetos colonizados y racializados. Ella se encarga de identificar a sujetos coloniales y racializados como dispensables” (MALDONADO-TORRES, 2007, p. 136). As proposições de Maldonado-Torres conduzem a um entendimento das posturas adotadas pelos usurpadores em *El país de la Canela*. O ato de se livrar dos índios definitivamente representa a materialidade dos estudos do autor, o massacre se consolida na expedição e, ainda que muitos dos soldados de Pizarro não concordassem, terminam por cumprir as ordens do capitão: “De los cuatro mil indios que habían salido con nosotros en aquella campaña, una parte se la entregó a los perros, y a muchos otros los quemó vivos junto a los falsos caneleros que hallaron” (OSPINA, 2008, p. 102). A dispensabilidade se concretiza diante do extermínio por meio do esartejamento e, posteriormente ao serem lançados aos cães, para que restasse poucos ou ainda nenhum índio na expedição.

A inferioridade se estabelece por meio dos excessos e pelo descaso para com os poucos sobreviventes, o regresso da frustrada expedição foi ainda pior para estes indivíduos e, predominam as memórias do tratamento ao qual foram submetidos: sobre eles recaiu a culpa,

foram taxados de mentirosos em um período onde a comunicação era bastante complicada e, por essa razão, todos os tipos de sacrifício físicos e violências lhes foram acometidos. Assim, se comprova que “ya no será la agresión o la oposición de enemigos, sino la “raza”, lo que justifique, ya no la temporal, sino la perpetua servidumbre, esclavitud y violación corporal de los sujetos racializados” (MALDONADO-TORRES, 2007, p. 142).

Em síntese, observamos que no romance contemporâneo *El país de la Canela* (2008), o narrador como o portador das memórias de fracassos, em detrimento das conquistas da narrativa, por meio de seus relatos apresenta uma nova visão tanto sobre personagens históricos, como também abre margem à uma discussão de cunho etno-racial. Uma vez que, a ideia de superioridade e inferioridade de raças se instituiu no continente para, em seguida, se disseminar pelo mundo.

A cor da pele torna-se o fator determinante ao classificar o humano e o desumano: quanto mais clara a cor da pele, mais próximo da humanidade o ser estaria. O contraste se estabelece e torna irônico tal raciocínio, considerando que as piores atrocidades e violências no território americano sempre foram cometidas pelo europeu de pele clara. A relação com o cristianismo e seus ideais são mantidos, pois, os derrotados em guerras justas, merecem sofrer com a escravidão transformados em eternos servos, sempre subalternos, de segunda classe e todas as demais denominações disponíveis.

Em suma, a postura adotada pelo narrador foi a de negar e de ocultar sua verdadeira origem, deste modo, lhe restava a esperança de receber a herança paterna e, ao mesmo tempo, silenciando seu passado, também evitaria que sobre ele recaísse o tratamento dado aos de sangue mestiço no Novo Mundo. Dadas as devidas esclarecimentos sobre a escolha do narrador, partiremos para as memórias sobre as expedições e o olhar que transpassa da obra para o leitor.

### **3.3 A derrota: uma representação dos esquecidos**

*¿Cómo se sobrevive a una derrota? ¿Cómo vivir entre los vencedores? ¿Cómo mantener la memoria viva luego de la pérdida? Las literaturas española y latinoamericana han buscado dar respuestas a estos interrogantes, se han ocupado de diversas derrotas políticas y han representado distintas alternativas para sobrevivir a ellas: resistir, enfrentar, replegarse, aceptar la pérdida, rechazarla, unirse al vencedor, olvidar.* (SÁNCHEZ, 2014, p. 253)

Seguindo a linha de análise do subcapítulo anterior sobre inferioridade e imposição de poder por meio da superioridade de raça, neste tópico seguiremos discorrendo sobre a memória histórica da derrota, mas não a derrota já sacralizada pelo discurso oficial (faremos menção a ela, também), mas da representação das memórias de todos os derrotados que o contato de mundos tão distintos provocou na América. Sánchez (2014) levanta alguns questionamentos

que nos ajudam a entender como se constituiu o discurso dos derrotados por meio da literatura contemporânea latino-americana, o processo de derrota está, em um primeiro momento, como aponta a estudiosa, relacionado ao aspecto político (invasão da América) que passa a ser manuseado pela literatura como meio de sobrevivência, como resistência dos vencidos ou ainda, enfrentamento a um passado o qual não é possível transformar, mas é necessário sobreviver em volta dos vencedores. Esses questionamentos levantados pela pesquisadora servem de norte também para este subcapítulo.

Conforme as explicações anteriores, nossa proposta retoma outra vez a figura indispensável do narrador para demonstrar como suas lembranças nos conduzem a um olhar crítico sobre aqueles conhecidos derrotados e aponta uma forma de “cómo pensar un pasado traumático, cómo sobrevivir a él en las actuales condiciones políticas y cómo adaptarse (o no) a los nuevos tiempos” (SÁNCHEZ, 2014, p.353).

Nesta investigação, o enredo se desenvolve em um contexto que nos permite enxergar como se desenvolvem os traços apontados por Sánchez (2014) o narrador traumatizado pelo passado busca as memórias de outros personagens e demonstra como ocorre o “processo de adaptação” deles ao novo contexto ao qual foram submetidos. Desta forma, neste subcapítulo o objetivo perpassa também por analisar como a literatura por meio das memórias do passado histórico representa os perdedores e, ao mesmo tempo, demonstrar como eles sobrevivem na narrativa, como é constituída a imagem de cada um.

O romance se torna interessante, pois, o narrador, por meio dos personagens, nos permitiu observar que há um desejo oculto em demonstrar que não existe apenas um grupo de derrotados, ao contrário, nos conduz à percepção de que o romance nos permite tecer um olhar crítico sobre todos aqueles envolvidos no processo, nos deteremos então, nas figuras de maior representatividade para realizar a discursão. Dos personagens já conhecidos, percebemos as marcas da derrota em Ursúa, Pizarro, Amaney e no próprio narrador.

A desconstrução das memórias dos personagens históricos retoma as marcas do NRH. A grande marca deste estilo literário está na liberdade que propicia ao literato em contradizer e desconstruir a perspectiva histórica vigente, possibilitando que o novo discurso adquira a forma de revolta, de representatividade e, como analisamos na obra de representação, os esquecidos e todos aqueles que foram de fato derrotados no processo.

la derrota no es solo aquello que ha acontecido sino un principio activo y dinámico que abre alternativas y define prácticas políticas, un acontecimiento que desafía al sujeto –¿qué proyectos construir sobre las ruinas de los vencedores?– y lo interpela a elegir entre las diversas estrategias de

sobrevivencia que van desde el acomodo al nuevo contexto hasta su rechazo. (SÁNCHEZ & BASILE, 2014, p. 330)

A derrota não se configura como o fim para estes envolvidos, mas como um meio para reagir entre os vencedores e conduz a uma necessidade de sobrevivência, a qual se manifesta mais claramente por meio da literatura. O que percebemos, ao observar os discursos históricos sobre a reconfiguração do continente após a chegada dos europeus, é que o contato entre colonizador/usurpador e colonizado causou um choque tão grande que afetou as particularidades de cada uma das culturas, na narrativa o seguinte fragmento demonstra como os espanhóis foram afetados pelo contato movidos pela cobiça “y muchos españoles se han vuelto más supersticiosos que los propios indios, porque les enlouquece la codicia, que es más capaz de invenciones que cualquier mago” (OSPINA, 2008, p.71) acabam apresentando algumas características da cultura indígena como mencionado no fragmento, a crença em superstições, que é apresentada como marca da cultura local. Deste modo, os usurpadores também foram afetados pelo choque cultural, o que se observa nas condutas e no reflexo posterior da imposição da cultura européia.

A obra de Ospina é construída, segundo o próprio autor, o mais próximo possível dos acontecimentos oficiais, uma vez que o autor não distorce os acontecimentos, ao contrário, mantém a sua narrativa de acordo com a história, mas ficcionaliza dentro deste espaço; a narrativa adquire o caráter representativo por meio da descrição das características destes personagens que são representados poeticamente e, também, por meio da inclusão de personagens ficcionais como o próprio narrador.

Neste sentido, Ursúa, apenas ouvinte no *País de la Canela*, é retirado do esquecimento assim como os índios e o próprio narrador: “Así, la figura del perdedor abre un abanico de respuestas ante la derrota: la resistencia, el desencanto, la melancolía, la nostalgia, el conformismo, la resignación, el pesimismo, la esperanza” (SÁNCHEZ, 2014, p. 330).

Deste modo, o narrador mestiço decide contar a sua trajetória pessoal e por meio dela externar as vozes dos outros derrotados mencionados anteriormente, na tentativa de fazer com que Pedro de Ursúa, personagem recuperado do esquecimento histórico pelo narrador, não tivesse o mesmo destino que todos os outros, o fracasso. Ursúa se transforma em mais um dos derrotados. E, para iniciar o olhar analítico sobre a representação da derrota, nossa análise sobre estas figuras se inicia com ele.

Nos relatos oficiais, Pedro de Ursúa não está entre os grandes heróis da conquista, na verdade, há muito pouco sobre sua história, o que nos levou a um questionamento: por que este

personagem é tão pouco mencionado? Ao estudar o romance observamos que as memórias ficcionais seguem o discurso Histórico sobre o personagem.

O governador Pedro de Ursúa, nascido por volta de 1525, próximo ao povoado de Arizcun, em Navarra. Bem relacionado e pertencente a uma influente família, viajou muito jovem, com aproximadamente vinte anos, para o Novo Mundo, especificamente, para Nova Granada (atual Colômbia), onde seu parente Miguel Díaz de Amendáriz era governador de Santa Marta. Realizou diferentes campanhas conquistadoras, teve relevantes participações em enfrentamentos indígenas belicosos e fundou cidades. (HEUFEMANN-BARRÍA, 2015, p. 99)

Como menciona a estudiosa supracitada, desde sua chegada no continente o personagem histórico ficcionalizado teve sucesso nas atividades que lhe foram propostas, da mesma forma, são retratadas na ficção, as memórias do narrador as quais apresentam um Pedro de Ursúa que queria receber autorização da coroa, por meio do seu representante oficial na atual Colômbia, para realizar a expedição rumo a *El dorado* e sofreu com a procrastinação do governo imperial, o que fez com que a autorização levasse bastante tempo para vir. O narrador ao contar todas as frustrações que presenciou e os fracassos de outrora, a todo momento tenta evitar que Ursúa realize a expedição.

Si he aceptado contar outra vez como fue nuestro viaje es sólo para convencerte de que no vayas a esa expedición que estás soñando. Lo que viviste en tierras de panches y de muzos, de tayronas y muiscas, es poca cosa al lado de las penalidades que encontrarás por estas selvas. Dices que es muy posible que por el reino de las amazonas pueda entrarse también al país del Hombre Dorado, pero yo que estoy harto de verlas te digo que esas tierras están hechas para enloquecer a los hombres y devorar sus expediciones. (OSPINA, 2008, p. 44)

O conselho do narrador prevê a derrota de Ursúa, as memórias do passado vivido e dos repetidos fracassos faz com que o narrador perceba o caráter cíclico da história: Ursúa será mais um personagem frustrado que não conseguirá conquistar o tão idealizado reino de *EL Dorado*. Mas Ursúa parece não ouvir, está tão focado em seus objetivos que nada o faz mudar de ideia, assim, ele segue seus planos. “Quando capitaneou a expedição em direção a El dorado, era um jovem com não mais que 35 anos, de estatura mediana, bem feito, cuidadoso com sua pessoa, amável e conservador com seus subordinados, e era também “excessivamente inclinado ao belo sexo”. A descrição é bem diferente se comparada a outros conquistadores como Pizarro: ele “Conheceu uma bela mestiça Inês de Atienza, por quem se apaixonou perdidamente. Decide leva-la à jornada, apesar da opinião contrária de seus colaboradores.” (HEUFEMANN-BARRÍA, 2015, p. 99-100).



Aqui tem início a derrota do personagem com o fracasso da expedição. A razão para que se consolidasse o fracasso se deu devido a dois motivos apontados pela professora Heufemann-Barría (2015): “Em primeiro lugar sua má organização responsável pela demora na partida, e, conseqüentemente, o desassossego e descontentamento dos expedicionários” (HEUFEMANN-BARRÍA, 2015, p.104). Como Ursúa não era tão provido de recursos até que se concluisse a arrecadação de fundos, a construção dos navios levou mais tempo do que o esperado e, ao serem lançados ao mar, necessitaram de reparos o que provocou a inquietação dos expedicionários. Além disso, “Ursúa não teve bastante cuidado na seleção da tripulação” (HEUFEMANN-BARRÍA, 2015, p. 104), escolheu homens muito perigosos e assassinos cruéis, como Lope de Aguirre o qual foi o organizador da conspiração que culminou em seu assassinato.

O segundo aspecto “causador do fracasso de Ursúa, levantado frequentemente pelos investigadores, foi a presença na viagem de Dona Inês, amante do governador. Os soldados acusavam-no de descuidar e abandonar o comando devido à atenção dispensada a ela, mostrando falta de preocupação e abandono para com seus deveres” (HEUFEMANN-BARRÍA, 2015, p. 105). Este fato é também representado no romance com ênfase no afastamento do capitão de suas obrigações como comandante da expedição, o que fez com que os expedicionários fossem se tornando cada vez mais revoltosos e descontrolados.

Como consequência, Aguirre consegue convencer outros companheiros de que deveriam se livrar de Ursúa e, assim o fazem, culminando com o tema deste subcapítulo: a derrota do conquistador que também por muito tempo foi conduzido ao esquecimento.

“Señores”, dijo, “¿a qué debo esta visita tan temprana?”. Nadie le respondió; en el tiense silencio, Ursúa vio aparecer uno tras otro los rasgos de Serrano y de Saldueno, de Fernando de Guzmán y de la Bandera, de Torres, de Vargas, de Llamoso y de Aguirre, y tuvo el sobresalto de algo más serio. Se volvió a buscar a Inés para pedirle que le alcanzara sus ropas, pero era justamente la hora en que Inés bajaba al río con sus criadas.

Cuando comprendió que no era de las ropas lo que tenía que buscar, sino la espada, ya entre él y sus armas estaban los otros armados. Lo imposible estaba ocurriendo. Lo imposible, lo inconcebible, lo abominable, el azufre del diablo, impregnaba ya todas las cosas. (...)

Entonces su amigo su amigo la bandera le dio la primera estocada en el centro del pecho. Ursúa intentó defenderse, alcanzar, desnudo, sus armas. Cuando casi enseguida entró Inés, ya Salduendo y Guzman, Aguirre y Llamoso, Serano y Vargas habían atravesado al gobernador con sus hierros, tres hombres mas se disponían a hacerlo, y Ursúa se debatía sangrando, sostenido en pie menos por su fuerza que por las contrarias espadas que lo acribillaban. Los conjurados eran más de diez, pero los diez que decidieron entrar a matarlo habían jurado la noche anterior que todos le clavarían sus espadas. (OSPINA, 2012, p.52)

E assim se consolida a derrota do jovem capitão, por haver escolhido os companheiros errados, o que lhe levou a se tornar vítima da inveja e, ao se afastar de seus deveres como capitão, abriu espaço para a conspiração. E, outra vez o narrador estava correto: Ursúa não encontrou o tão sonhado *El dorado* e se transformou em mais uma das inúmeras vítimas da empresa colonial, assassinado por seus próprios companheiros. O personagem revela ainda outro ponto de observação: não é interessante contar a história de um espanhol que foi assassinado pelos companheiros, a construção de um discurso que revela a ineficiência da coroa espanhola em impor controle sobre esses homens nos leva a concluir que este personagem, também derrotado pela história, foi esquecido, na tentativa de silenciar que estes homens se tornaram tão obcecados pelas oportunidades de progresso econômico e reconhecimento que o Novo Mundo oferecia, que não hesitaram em matar uns aos outros.

De acordo com o exposto, a história de Ursúa abriria margem para que a situação se agravasse ainda mais, demonstrando a fragilidade das relações de poder na América. Mesmo tendo realizado uma trajetória bem-sucedida antes da viagem que culminou em sua morte, para o discurso histórico é pertinente deixar à margem este personagem para ocultar as reais condições de descontrole imperial.

Seguindo a linha de apresentação da memória dos derrotados, a obra se apresenta como meio para retirar do esquecimento, ou seja, recuperar personagens que não constituem os heróis das narrativas históricas tradicionais, mas “En la actitud de estos personajes perdedores se puede reconocer el resistir como proyecto: se resiste para algo, para perdurar y rechazar un presente con miras a un futuro” (SÁNCHEZ, 2014, p. 355).

O próximo personagem escolhido como objeto de análise da representação da derrota é Gonzalo Pizarro. Como vai se configurando nas figuras analisadas, a obra possibilita que ampliemos a ideia de derrota a todos os envolvidos, perpassando inclusive pelo capitão organizador da expedição rumo a *El país de la Canela*. O mais jovem dos irmãos Pizarro, (grupo reconhecido por suas grandes conquistas e também por sua crueldade na realização das mesmas), era o mais novo e, por esse fato, não havia participado dos momentos de glória dos irmãos, assim sendo, buscava de alguma forma realizar um feito memorável.

Gonzalo era treinta y cinco años menor que su hermano Francisco: cuando llegó a las Indias, los primogénitos ya habían vivido hallazgos y tormentos y él tuvo que inventar sus propias locuras. El destino no le deparó como a al primero un marquesado sobre la sangre del Inca, ni le concedió el poder subalterno del segundo, capaz de conducir sobre el océano barcos por poco se hundían de oro. (OSPINA, 2008, p. 68)

Conforme apresentado na citação, por ser o mais jovem dos irmãos, ele ainda não havia conquistado a glória dos anteriores e, por carregar o sangue Pizarro nas veias, sentia a necessidade de provar a todos o seu valor e conquistar tanto reconhecimento quanto seus irmãos haviam conseguido.

Era apuesto, era joven era el mejor jinete de los nuevos se le medía a todo riesgo y, como sus hermanos, nunca sintió otro amor que la pasión de mandar y la embriaguez de arriesgarlo siempre todo. Buscaba un reino propio que estuviera a la altura de la ambición y la noticia del *País de la Canela*. (OSPINA, 2008, p.68)

Com toda a disposição para se tornar um dos grandes conquistadores, ele semelhante a Ursúa, se dispõe a partir em busca de “una tierra muy larga y ancha donde se criaba canela, por lo cual llamaron la Canela” apoiado pelo irmão, Marquês Francisco, o qual decide: “enviar a la conquista de ella a su Hermano Gonzalo Pizarro, para que tuviese otra tanta tierra que gobernar como él” (GARCILASO DE LA VEGA, 1996, p.233). O menor dos irmão organiza a expedição composta por espanhóis e índios para conquistar a imortalidade e o reconhecimento que seus irmãos já haviam adquirido anteriormente, essa era a sua oportunidade de provar que ele também poderia realizar esta façanha e ampliar o controle dos Pizarro sobre a região que presenciava constantes conflitos de poder. Assim,

Buscaba un reino propio que estuviera a la altura de su ambición, y la noticia del País de la Canela le dibujó en el aire un destino más rico que la ciudad de pedernal de los muertos.

Era la hora de imitar a sus hermanos triunfales, la hora de superarlos, y para ello fue preciso preparar con furia el camino, hablar noches enteras con veteranos, censar cientos de obstáculos previsibles. (OSPINA, 2008, p. 68)

E assim, parte Gonzalo Pizarro em busca de *El País de la Canela*: “Llevó más de cuatro mil indios de paz, cargados con sus armas y bastimento y lo demás necesario para la jornada, como hierro, hachas, machetes, sogas y maromas de cáñamo y clavazón, para lo que por allá se les ofreciese” (GARCILASO DE LA VEGA, 1996, p. 234).

A derrota do personagem começa a se revelar ao passar dos dias, pois não encontrava o País da Canela, os alimentos foram ficando cada vez mais escassos e, quando enfim chegaram ao lugar “donde esperaba encontrar caneleros sin fin, solo halló entre la selva árboles espaciados de una canela nativa, de sabor semejante, pero que no justificaba la búsqueda porque no podia aprovecharse para negocio alguno” (OSPINA, 2008, p.98).

Mais que frustrado, “más que enganado, pálido de rabia, sintió que la selva empezaba a girar en torno suyo como remolino. Alguien tendría que pagar por esto. Los falsos caneleros

iban a ser los testigos de su ira, los indios recordarían para siempre que no se puede engañar un Pizarro” (OSPINA, 2008, p. 99). Enfurecido pelo fracasso da expedição, o personagem decide punir os índios, lhes acusando de mentirosos e tomou a decisão que culminou também em seu completo fracasso.

Llamó a sus capitanes más fieles y les dio una orden horrible que algunos no comprendieron: había que escoger diez indios de los más influyentes y arrojarlos en trozos a los perros. “¿ Para qué capitán?”, preguntaron. “Para que aprendan a decir la verdad”. “Para que estas bestias aprendan que no se puede mentir”. Y después dijo, como tratando justificarse: “Y para castigarlos por traidores”. (OSPINA, 2008, p.100).

E desta forma, os índios foram sacrificados e jogados aos cães para serem devorados. Inferiorizados e sob uma condição de submissão tão elevada, sucumbem sem nem ao menos reagirem, são dizimados em poucos dias e como afirma o narrador “en la selva matar a aquellos indios era el más innecesario de los crimines” (OSPINA, 2008, p. 100)

Diante disso, vai se configurando a derrota do capitão, uma vez que ele não encontrou tantas árvores de canela quanto esperava e sua derrota se comprova pela loucura que a frustração lhe causou, executar quase quatro mil índios como forma de se vingar pelo fracasso pessoal, o configurou como tirano, aquele que se auto constituiu como derrotado por não saber como reagir diante do fracasso de suas ideias infundadas. Suas atitudes e crença desmedida na existência desta região provocaram o extermínio de muitas vidas, inclusive a de um companheiro de viagem espanhol, o qual se negou a matar índios e questionou a sanidade do capitão. É interessante como o narrador se refere ao capitão na última lembrança que recupera do espanhol:

Uno de los soldados, Baltasar Cobo, que había curado a varios indios heridos en los riscos de hielo, so suportó más la indagación que le causaba el hecho y le gritó a Pizarro que lo que estaba haciendo era infame. “Capitán: ¿no le bastó con traernos al infierno? ¿Tenemos también que convertirnos en demonios también? El capitán, ciego de furia, caminó en silencio hasta él bajo un raudal de la selva, e increíblemente, sin medir diálogo ni juicio alguno, como se fuera enemigo cualquiera en medio de la batalla, lo atravesó en el vientre con la espada, y después, ya caído, le dio un tajo en el cuello, y ordenó a sus soldados a gritos que se lo entregaran también a los perros. (OSPINA, 2008, p. 103).

Desequilibrado emocionalmente com a derrota pessoal, Gonzalo Pizarro enlouquecido, assassina o seu próprio soldado sem hesitar, da mesma forma como se desfez dos índios. Posteriormente, o narrador termina de descrever a derrota do personagem: “Pizarro quedara abandonado en la selva. Le toco quedarse viviendo con los huesos de sus víctimas” (OSPINA,

2008, p.109). Tal qual Ursúa, Gonzalo Pizarro é representado como mais um dos derrotados, onde a narrativa, por meio das memórias do narrador vai se consolidando como grande crítica ao processo de conquista que culminou com a destruição física de muitas pessoas e da destruição moral de tantas outras, como ele próprio (o narrador) que não queria participar do extermínio dos índios mas, estava também em condição de submisso e, para sobreviver àquela tormenta, necessitou permanecer em silêncio como forma de se manter vivo.

Portanto, a Literatura representada pela relação Memória/História interligadas no romance vai se configurando como um instrumento crítico de representação do passado histórico, não daquele de engrandecimento dos heróis conquistadores, mas com o olhar sobre os derrotados em uma linha onde não se revela distinção de um em detrimento do outro, mas todos são descritos criticamente como derrotados, vítimas do processo.

A representação dos personagens vistos pela ótica da derrota segue agora com a representação da mãe índia. Amaney é a índia que sempre cuidou do narrador desde seu nascimento, ele sempre viveu longe do pai, pois este, segundo as memórias do filho sempre estava ocupado demais conquistando terras e matando índios, restando a ele ficar sobre os cuidados da ama indígena. Escolhemos esta personagem porque, além de mulher, era também índia em um período onde a submissão destinada a primeira se somava à exploração da mão de obra e também sexual desta última.

A posição social e histórica advinda do patriarcalismo impõe às mulheres do período colonial uma educação para se tornarem boas donas de casa, esposas e mães em uma situação de completa inferioridade ao marido. Em contrapartida, as índias além de presenciarem a destruição de suas tribos e verem muitos de seus entes queridos serem aniquilados, foram, como os poucos sobreviventes, destinadas inicialmente ao trabalho escravo e posterior servidão nas propriedades dos espanhóis. Nesse cenário é que o narrador passa a recuperar a memória da ama de leite. Ela “la índia de piel oscura” (OSPINA, 2008, p.12) era de fato a mãe a qual nunca lhe foi permitido assumir oficialmente a posição e, a razão para isso está na explicação a seguir.

Relações sexuais entre parceiros de status sociais distintos não raro aconteciam fora do casamento. Os filhos ilegítimos eram excluídos das honrarias sociais do ascendente mais bem colocado, normalmente o pai, e então eram criados em casas comandadas pelas mães, de status mais baixo. (STOLKE, 2006, p.30).

Um mestiço jamais poderia recobrar a herança de seu pai espanhol, uma vez que, a mistura em seu sangue o rebaixava a condição de subalterno, como explica Stolke: “era sempre

o ascendente inferior, independentemente do sexo, que determinava o status da criança” (STOLKE, 2006, p.31).

Compreendemos que o pai espanhol decidiu esconder a maternidade índia do filho para que este não sofresse com a inferioridade com a qual eram tratados os mestiços e, desta forma, assegurar um futuro menos injusto para o filho; quanto a Amaney, é possível subentender que ela se impôs a ocultação da maternidade como única forma de permanecer próxima ao filho assumindo a função de criada e, assim, houve a submissão.

A codificação das diferenças entre conquistadores e conquistados na ideia de raça, ou seja, uma supostamente distinta estrutura biológica que situava a uns em situação natural de inferioridade em relação a outros. Essa ideia foi assumida pelos conquistadores como o principal elemento constitutivo, fundacional, das relações de dominação que a conquista exigia. (QUIJANO, 2000, p.117).

Na sociedade colonial, as relações de poder foram se intensificando cada vez mais e, do mesmo modo, a desigualdade. Os usurpadores “se apropriaram de terras indígenas, submeteram a população local a trabalhos forçados nas minas e a serviços pessoais de vários tipos, empenharam-se em colonizar suas mentes e sujeitaram mulheres indígenas a todas as maneiras de abuso sexual” (STOLKE, 2006, p.18).

Para as mulheres indígenas do período, a vida não fora diferente, muitas foram destinadas a trabalhar como servas, como Amaney. Com elas a exploração não se deu apenas nas condições de trabalho, mas também no caráter moral, estavam sujeitas a todos os tipos de abusos, a violência sexual era constante na América colonial.

Em *El país de la Canela*, Amaney se envolveu com o “patrão” e com ele teve um filho, da relação não se tem a confirmação no romance se, se tratou de um ato consensual ou de abuso. Dada sua condição de indígena do sexo feminino, é possível subentender da obra que ela estava na condição de empregada-escrava do homem branco com quem manteve relações sexuais que ocasionaram na gravidez indesejada a qual gerou o filho mestiço.

O fato é que este relacionamento nunca foi assumido diante da sociedade pelo aventureiro espanhol, já que poucos homens optavam pelo casamento com índias devido as dificuldades impostas pela sociedade do período, como por exemplo, a exclusão dele e seus descendentes do grupo social, ou por se tratar apenas de uma aventura romântica. “Na maioria das vezes, porém, a mestiçagem foi resultado predominantemente do sexo casual ou uniões extraconjugais de espanhóis, que em geral, não se viam muito inclinados a se casar com índias” (STOLKE, 2006, p.28).

O objeto sexual, as mulheres índias, raras vezes foram elevadas à condição de esposas, as uniões oficiais por meio do matrimônio eram inconstantes, o que implica num grande número de mestiços em uma sociedade onde as marcas da desigualdade se intensificavam cada vez mais e, os grupos eram claramente diferenciados de acordo com a cor de sua pele ou ainda pela “limpeza de sangue”.

É evidente que nas relações sociais que foram se estabelecendo nos primeiros séculos da colonização, o número de casos de relacionamentos entre índios e europeus foi se intensificando, tornando as uniões mistas na colônia mais frequentes. No entanto, o cenário de preconceito e discriminações a que estavam sujeitos, tanto o casal, quanto seus descendentes era enorme.

Retornando a obra, à índia lhe foi dado um agrado, a possibilidade de acompanhar o crescimento do filho na sua condição atual de serva. O que lembra um pouco a analogia feita por Motta-Maués ao lembrar a história bíblica de Moisés: “recolhido, bem cuidado (até amamentado pela própria mãe, oferecida como ama de leite, pela irmã menina de nosso herói)” (MOTTA-MAUÉS, 2012, p.2). A Amaney, assim como a mãe de Moisés, lhe é permitido acompanhar o crescimento do filho, com a condição de que não se revelasse como a mãe do narrador.

No romance, a índia afirma ter sido uma opção sua esconder a maternidade na tentativa de oferecer um futuro melhor para o filho, “que había aceptado desde el comienzo fingirse mi nodriza para que yo pudiera ser reconocido como hijo de españoles por la administración imperial” (OSPINA, 2008, p.12), dada a condição de inferioridade da índia esta alternativa parece um tanto quanto infundada considerando a falta de opção dada às mulheres na época. Neste caso, se tratando de uma mulher índia, mais adequado seria acreditarmos que foi o espanhol quem determinou esta submissão, uma vez que, o próprio narrador afirma ter convivido muito pouco com ele e comentado sobre a rudeza do homem: “*Sólo uma vez volví mi padre*” e segue: “No sabia relacionarse con un niño” e ainda justifica o motivo da vinda “Venía, como siempre a resolver asuntos” (OSPINA, 2008, p.11).

Tais afirmações nos levam a crer que se tratou de uma exigência do pai do narrador que a índia escondesse ser sua mãe e, mais, ele, como tantos outros espanhóis, teve um filho mestiço por quem demonstrava pouco ou nenhum afeto e tentava compensar sua atitude deixando-lhe uma casa, comida, educação espanhola e posteriormente, a herança, adquirida por meio da morte daqueles que também faziam parte da constituição da identidade do filho mestiço.

Em uma carta enviada ao filho, o espanhol relata um pouco das atrocidades com que eles tratavam aos nativos; ao lê-la, na presença da índia, o narrador observa em seu olhar a dor

com que ela ouve os relatos em que seu pai e os companheiros de viagem violentam e assassinam o seu povo em busca de ouro, ouro sujo de sangue.

A mi nodriza india, que no olvidaba las violencias padecidas por su propia gente, le dolían tanto aquellas cosas, que su gesto mientras yo leía me hizo rechazar esas manos sucias de sangre que se repartían esmeraldas y ofrendas de oro, esas uñas negras arrebatando los tejidos finísimos, esos dientes roídos que esculpían blasfemias, esos ojos ávidos que seguían buscando más oro, más plata, más mantas. En nuestra casa de una isla distante, el fuego en los ojos oscuros de Amaney reflejaba con ira las cámaras incendiadas, los pueblos derrotados que huían, la luna picoteada por los cóndores flotando sobre la ruina de un mundo. (OSPINA, 2008, p.09).

Amaney então se submete, mesmo diante da violência praticada contra seu povo, sua gente. Aceita a proposta considerando que esta era a única opção que lhe restava para criar o filho, mesmo na condição de ama de leite; foi o que lhe permitiu acompanhar todas as fases da vida do menino, mesmo que tenha demorando tanto tempo para se revelar como mãe, sempre tratou o jovem rapaz com todo o afeto que só ela poderia lhe dar, ainda que, impedida enquanto o pai estava vivo de se revelar como tal.

Como se não fosse suficiente a derrota de passar uma vida nas sombras escondendo sua identidade, a personagem sofre com as atitudes de repulsa do filho: “Toda mi infancia la había querido como una madre: bastó que pretendiera serlo de verdade para que mi devoción se transformara em algo cercano al desprecio” (OSPINA, 2008, p.12).

Amaney sofre então, com a derrota de não poder se assumir como mãe e, posteriormente, quando finalmente pensa recobrar a função, é derrotada novamente pela rejeição do único parente vivo que possuía, o que a leva a um final bastante triste: “Amaney, mi madre india, mi madre, había muerto a solas como murió su raza sin quejarse siquiera, porque no había en el cielo ni en la tierra nada ante lo cual pudiera quejarse, abandonada por sus dioses y negada por su propia sangre” (OSPINA, 2008, p.223).

Amaney termina a narrativa morrendo sozinha como um símbolo do silenciamento, “sola sin quejarse” a qual representa todos de sua raça que, até na hora da morte, permaneciam calados, sem contestar, sem resistir, pois não adiantava. Já haviam sido exterminados todos de sua raça e, em seu momento final, nem a única parte sua que sobrevivia estava ali para amenizar a solidão da índia. Restou em seus últimos instantes, a marca do desprezo do único parente vivo que lhe restara. “Muerta su raza, cambiado de paraíso de sus mayores en una isla llena de guerreros y comerciantes de España, la verdad es que yo era lo único que ella tenía en el mundo” (OSPINA, 2008, p. 13). Terminei essa análise, com a citação que sintetiza todo o exposto:



“aquella mujer de canela que le entregó a mi padre su destino y a mí toda su juventud, quedó sola” (OSPINA, 2008, p15).

A escolha do narrador como último personagem da análise se justifica por sua representação como figura emblemática na obra. Temos acesso às memórias históricas de Pizarro, Ursúa, da busca pelo *reino da canela*, do *el dorado* e do encontro com as Amazonas por meio dele. O que nos fez observar atentamente que ele também vai se configurando como grande derrotado na narrativa; muitos pontos que nos conduziram a tal reflexão já foram mencionados nos capítulos e tópicos anteriores, aos quais faremos menção e os aprofundaremos.

A primeira característica que aponta para a construção de derrotado está nas primeiras páginas do romance, considerando o período histórico a sociedade colonial do século XVI. Dadas as explanações sobre a configuração do elemento “raça”, apresentadas anteriormente por Quijano (2005), vemos uma sociedade extremamente preconceituosa e exclusiva. A cor da pele se tornou o elemento diferenciador dos indivíduos. As peles mais escuras transformaram-se sinônimo de desumanidade e, tal fator associado às derrotas dos índios em guerras, lhes impôs a condição de escravos e submissos aos espanhóis.

Durante a infância, o narrador não tem a presença da mãe, pelo menos é o que se acredita, ela teria morrido no parto durante seu nascimento. Teve educação espanhola com Gonzalo Fernandez de Oviedo, primeiro cronista da América e figura bem conhecida de grande prestígio do período. Após a morte do pai, aos dezesseis anos de idade, vem a revelação que dá origem ao desfecho da obra. Amaney se revela como sua verdadeira mãe, lhe impondo, como ele mesmo afirma: “Me habría impuesto una imanejable condición de mestizo” (OSPINA, 2008, p. 12). A revelação de ser mestiço significava a perda da possível herança do pai.

Stolke (2006), apresentou anteriormente que o sangue indígena rebaixava os filhos de índios com espanhóis ao tratamento dado a raça considerada inferior. Sendo assim, no momento em que se tornasse pública sua condição, passaria a sofrer com todo o preconceito em voga no período. A escolha por manter em sigilo a descoberta, não o eximiu do fracasso.

Nesse sentido, ele rejeita a mãe índia, a submetendo à condição de criada sem privilégios e parte na viagem rumo a *El país de La Canela* onde presencia todas as violências praticadas contra os índios. Em silêncio, ele presencia tudo sem tomar nenhuma atitude diante da situação, apenas silencia.

A derrota desse personagem é observada por dois aspectos. O primeiro, diz respeito à sua derrota pessoal na busca frustrada por *EL país de La Canela* e, a outra, se externa por não conseguir evitar o fim trágico de Pedro de Ursúa. O motivo da recuperação das memórias

históricas de aventuras pelo reino das Amazonas, pela busca por *El país de La Canela* tiveram como objetivo precaver Ursúa das possíveis consequências da realização de uma viagem com tais propósitos; ele fracassa nesse aspecto pois, apesar da rememoração dolorida de sua história e dos traumas que o afastaram desse tipo de busca, não consegue fazer o amigo mudar de opinião.

A busca pela canela lhe deixou traumatizado diante dos horrores que viveu; a culpa por estar onde estava e não poder evitar a morte dos índios, porque lhe tirava a paz a cada vez que recordava o caminho com cheiro de morte, ou ainda quando vinha a memória do cão trazendo a mão de um índio entre os dentes, e ainda quando recordava quantos corpos exaustos e machucados abandonaram no meio da floresta para morrerem na solidão ou devorados por feras selvagens. Se consolidou a segunda derrota, desta vez pessoal, um ensinamento para a vida talvez, uma marca para que não se deixasse cegar outra vez pela cobiça.

Casi tan duro como mi viaje de dieciocho meses por la selva y el río de La Española, semanas después, con los labios todavía encostrados por la fiebre y la piel lacerada por los insectos. Creía haberlo perdido también mi confianza en los hombres; pero esas ilusiones trocadas en recelos eran apenas el prelude de las pérdidas verdaderas. Lo que quedaba de mi infancia había muerto en el viaje, más cruel que el río me parecía el corazón de los humanos, y volví a La Española buscando mis años tempranos, la inocencia de una edad sin presentimientos, sólo para encontrarme con la tumba de Amaney, ante un campo de cañas. (OSPINA, 2008, p. 221).

É neste momento que descobre o quanto perdeu, ao embarcar na viagem com Pizarro, voltou desacreditado nos seres humanos sem a fortuna prometida e, ainda se descobre mais solitário que nunca: Amaney morreu sozinha e ele, na última vez que a viu, a tratou com tanto desprezo e agora já não havia como reparar essa atitude. “Yo sabía desde el principio que Amaney era mi madre, que no lo había ignorado ni un solo día. Ahora era tarde para siempre” (OSPINA, 2008, p. 222). Desta forma, termino as análises do recorte feito em alguns dos personagens que representam a derrota coletiva frisada pelo romance.

É por essa multiplicidade de olhares apresentados pelas memórias do narrador mestiço, que o romance se diferencia de obras clássicas do período e se aproxima do Novo Romance Histórico Latino-Americano, uma vez que o porta-voz, ainda que não tenha se assumido oficialmente, é um mestiço. As histórias já não são mais as mesmas, os personagens que antes eram “heróis” são desconstruídos e suas faces mais cruéis, baixas e desprezíveis são desmascaradas. As memórias do narrador demonstram a perspectiva dos grupos humilhados e silenciados que, a partir de então, passam a serem representados em suas reais faces:

explorados, violentados, muitos mortos. São as vozes ecoantes da América tal qual é constituída atualmente, sob os fragmentos de um passado que reprimiu e escondeu parte da história, mas, ao mesmo tempo mantivera, nas minorias, as marcas silenciadas que ganham representatividade pela voz do narrador.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir esta análise, retomamos a relevância da apropriação pela Literatura das ferramentas, a saber: a Memória e História, para por meio da ficção proporcionar um olhar crítico novo e distinto dos fatos conhecidos. A literatura como ciência da representação assume total liberdade criativa ao se apropriar da história de um povo ou cultura e discordar sobre o discurso canônico. Assim, ela ao se apropriar da memória (aqui nos referimos aos fragmentos que perduraram dos esquecidos), recupera estes personagens do apagamento ao qual foram submetidos e os traz de volta com uma roupagem nova e diferente.

Desta forma, a memória como marca de um passado individual e coletivo também se torna a materialidade da representação da história. No romance, o escritor colombiano por meio de seu narrador mestiço, externa uma inquietação e um descontentamento com o que se conhece da história oficial do continente. É perceptível, também, que o tratamento dado aos índios e aos mestiços provoca um afã por melhor representar estas figuras por meio da literatura.

A consolidação da diferença dos indivíduos pela raça e pela cor da pele demonstra o cenário injusto e preconceituoso que culminou com a destruição de inúmeras tribos e, com elas, crenças e costumes deste povo atualmente mesclado o qual ainda se inquieta ao observar as violências consolidadas ao longo dos séculos pelos usurpadores e, como explicou Quijano (2005), se transformou no ponto de partida para a fixação da divisão dos indivíduos em raças e, estas últimas considerando a cor da pele, classificando os indivíduos como desumanos, quanto mais escura for a pigmentação da mesma.

O cenário de preconceito ao qual o narrador estava inserido, nos fez refletir sobre este personagem, pois ele se revela mestiço nas primeiras linhas do romance ao contar sua história a Pedro de Ursúa, no entanto, em nenhum momento se assume como tal para a sociedade colonial. A narrativa, como apresentado anteriormente, compartilha muitas características do novo romance histórico, no entanto, ao analisarmos esta postura do narrador, observamos que a obra não pode ser resumida a classificação de pertencente a apenas este gênero, pois, ao não se revelar a todos como mestiço, não ocorre a ruptura com o romance histórico tradicional, haveria uma libertação se durante todo o romance a sua raça fosse assumida. Ou seja, a narrativa é tão rica que nos permitiu enxergá-la como um pastiche de gêneros, o que apenas evidencia a relevância da mesma para os estudos literários.

A relação memória e história no interior da narrativa alimenta a crença nos mitos da conquista que se transformaram no objetivo principal destes homens que se lançaram à selva e ao mar desconhecidos na busca pelo *El dorado* e pelo *El país de la Canela*. Desta forma, não

podemos deixar de abrir o subcapítulo que nos levou a refletir sobre a relevância das memórias dos mitos do descobrimento, como meio que instigou estes homens a se arriscarem, muitas vezes excessivamente, no interior dos navios. Nos inquietou observar a posição e a função de cada indivíduo, de acordo com a sua raça e, se esta lhe permitia ou não algum tipo de privilégio.

E, para finalizar, destacamos outro ponto crítico que a obra nos apresentou: a conquista e a colonização como grandes derrotas. A escolha de todos os personagens nos fez observar algo em comum, até mesmo dos considerados “heróis” da conquista. Nem mesmo eles: Pizarro ou Ursúa escaparam da derrota. Todos: índios, mestiços, conquistadores, se transformaram diante das situações anormais as quais estavam submetidos e compartilharam da grande derrota da conquista.

Terminamos esta análise com a percepção de que a literatura só se realiza com total amplitude quando esta se volta a construir um discurso atípico. A América Latina escolhida como o cenário para o desenvolvimento da narrativa se apresenta como um campo fértil para esta nova representação do passado histórico. Segundo Benjamin (1987), surge a necessidade de nos voltarmos para a construção de um relato que esteja focado nos vestígios do passado, na recuperação da história dos esquecidos, daqueles que tiveram suas vozes silenciadas e que restarem apenas vestígios de suas memórias, é imprescindível recuperarmos do esquecimento.

## REFERÊNCIAS

- AÍNSA, F. La nueva novela histórica latino-americana. **Plural**. 240. México, 1991, p. 82-85.
- ARZATE-SALGADO, J. La expedición a El Dorado o al inframundo del amor. **Colmena**, 85. 2015, p.117-119.
- ASSIS, R. J. S. de; CORDEIRO, V. D. A Teoria da História em Walter Benjamin: uma construção entre 'História e Coleccionismo: Eduard Fuchs' e as 'Teses sobre o conceito de História'. **Revista de Teoria da História**, V. 5, 2013, p. 185-207.
- BALDWIN. J. La prossima volta, il fuoco. Milão: Feltrinelli, 1962.
- BENJAMIN, W. As Teses sobre o Conceito de História. In: BENJAMIN, W. **Obras Escolhidas**, Vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 222-232.
- BHABHA, H. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.
- CANTINHO, J. M. Walter Benjamin: a história messiânica contra a visão do progresso. **Revista Philosophica**, v. 1, 2011, 37: 177 – 195.
- CARVAJAL, F. G. de. **Descubrimiento del río de las Amazonas por el Capitán Francisco de Orellana**. Madrid: Babelia. DOC, 2011.
- CORTÉS, Hernán. **Cartas de relación**. Nota preliminar de Manuel de Alcalá de la Academia Mexicana de la Lengua. 23ª ed. México: Porrúa. 2010
- FERNÁNDEZ DE OVIEDO y Valdés, Gonzalo. **Historia General y Natural de las Indias, Islas y Tierra Firme del Mar Océano**. 4. Vols. Madrid: Real Academia de la Historia, 1851.
- \_\_\_\_\_. **Libro del muy esforçado e invencible Caballero de la Fortuna propriamente llamado don Claribalte que según su verdadera interpretación quiere dezir don Félix o bienaventurado**. Valencia: Juan Viñao. 1519.
- FERNÁNDEZ PRIETO, C. **Historia y novela**: poética de la novela histórica. 2 ed. Navarra: Universidad de Navarra, 2003.
- FLECK, Gilmei Francisco. **Imagens metaficcionalis de Cristovão Colombo**: uma poética da hipertextualidade. 2005. 311 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2005.
- \_\_\_\_\_. **O romance histórico contemporâneo de mediação**: entre a tradição e o desconstrucionismo-releituras críticas da história pela ficção. Curitiba: CRV, 2017.
- GAGNEBIN, J. M. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.
- GARCILASO DE LA VEJA, **El Inca**. Comentarios Reales. Madrid: Cátedra, 1996.
- GENETTE, G. **Figuras III**. Barcelona, Lumen, 1989.
- GONZÁLEZ CALLEJAS, E. G. **Memoria e historia**. *Vademécum de conceptos y debates fundamentales*. Madrid: Cataratas, 2013.

HALBWACHS, M. **La memoria colectiva**. Trad. de L. L. Schaffter. São Paulo. Editora revista dos tribunais. 1990.

\_\_\_\_\_. **La memoria colectiva**. Trad. de I. Sancho-Arroyo. Zaragoza: Prensas Universitarias de Zaragoza. 2004.

HUEFEMANN-BARRÍA, E. O. **Orellana, Ursúa e Lopes de Aguirre: suas ficções aventureiras ao longo do Rio Amazonas (século XVI)**. Manaus: EDUA, 2015.

HUTCHEON, L. **Poética do Pós-Modernismo**. Trad. de R. Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LE GOFF, J. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão. 7ª ed. São Paulo: Editora Unicamp. 2013.

LUKÁCS, G. **O romance histórico**. Trad. de R. ENDERLE. São Paulo: Boitempo, 2011.

MALDONADO-TORRES, N. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: **El giro decolonial**. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. p. 127-167. Bogotá: Iesco-Pensar-Siglo del Hombre Editores. 2007

MENTON, S. **La nueva novela histórica de la América Latina, 1979-1992**. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

MILTON, H. C. **As histórias da história: retratos literários de Cristovão Colombo**. 1992. 189 f. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

MOYA, R. D. La metafiction: um sumario. **Revista Anthropos**. N. 208. Barcelona. p. 42-49. 2005.

NORA, P. **Entre memória e História: a problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo, n. 10, dez. 1993.

OSPINA, W. **El país de la canela**. Bogotá, Colombia: Grupo editorial norma. 2008.

\_\_\_\_\_. **Ursúa**. Bogotá, Colombia: Alfaguara. 2005

\_\_\_\_\_. **La serpiente sin ojos**. Barcelona, Mondadori, 2013.

PIZARRO, A. **Amazônia: as vozes do rio: imaginário e modernização**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

PRESTES, A. L. O historiador perante a história oficial. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Londrina, v. 1, n. 2, p. 91-96; jan. 2010

POLLAK, M. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, v. 5. n. 10, p. 200-212. 1992.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. p. 117-142. Buenos Aires: CLACSO, 2005. Disponível em: < [http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12\\_Quijano.pdf](http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf)>. Acesso em: 02 set 2017.

ROSSI, P. **O passado, a memória, o esquecimento: seis ensaios da história das ideias**. São Paulo, Editora Unesp: 2010.

RICOUER, P. **La lectura del tiempo pasado**. Madrid: Universidad Autónoma de Madrid. 1999.

SÁNCHEZ, A. M. A. BASILE. T. Derrota, melancolía y desarme en la literatura latinoamericana de las últimas décadas. **Revista Iberoamericana**, n. 247. p. 327-349. 2014.

SÁNCHEZ, A. M. A. Una narrativa entre la utopía y la derrota. Literatura y política en el fin del milenio. **Revista Iberoamericana**, n. 247. 2014.

SCOTT, W. **Ivanhoé**. São Paulo, Madras, 2003.

\_\_\_\_\_. **Waverley**. Waverley, Rio de Janeiro, Garnier, s.d.

SOLDATIC, D. Novela hispanoamericana e Historia. **Colindancias** (Timisoara), n. 3 p. 117-121, 2012. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5249304.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2018.

STOLKE, Verena. O enigma das interseções: classe, "raça", sexo, sexualidade: a formação dos impérios transatlânticos do século XVI ao XIX. **Rev. Estud. Fem.** [online], vol.14, n.1, p.15-42, 2006.

TORRE, M. M. C. Literatura, história e memória em Gabriel García Marques: Cem anos de solidão, O general em seu labirinto e O outono do patriarca. 2007. 237 f. (Tese) – Faculdade de Letras, UFMG, 2007.

VARGAS LLOSA, M. **La verdade de las mentiras**. Barcelona: Seix Barral, 1996; Buenos Aires: Alfaguara, 2002.